



CAMPUS REPÓRTER

Sem vontade
*Eles não
gostam
de sexo*

Ausência presente

*Famílias perdem
contato com crianças
e adolescentes e se
dividem entre a
esperança do
reencontro e o luto*

Tráfico

Guerra em Formosa, Goiás

Marsilac

Um bairro de São Paulo

Música

Perfil de Levino de Alcântara



2013

FACULDADE DE
COMUNICAÇÃO
SOCIAL - FAC



Juscelino Kubitschek quis acelerar o progresso e comprimir cinquenta anos em cinco. Depois veio Darcy Ribeiro e canalizou as ideias para a construção da Universidade de Brasília. Dentro desse guarda-chuva de opções, Pompeu de Sousa foi convocado para criar um projeto de Faculdade de Comunicação, há cinquenta anos. Três linhas de força, três escolas: uma de jornalismo, outra de publicidade e propaganda e a terceira, de tevê, rádio e cinema. Práticas que davam certo, mas também pesquisa de fórmulas novas e criativas. Formação científica e humana, interdisciplinar. Com o tempo, a casa cresceu, foi reformada, ganhou novas habilitações, como a de Comunicação Organizacional, avaliada recentemente pelo Ministério da Educação, de quem recebeu nota cinco, a máxima, um conceito que o MEC chama de excelente. Nós também.

50

ANOS
DE
HISTÓRIA

fac.unb.br



carta do editor

Este semestre, a experiência de fazer a revista **Campus Repórter** teve momentos de fortes contrastes: por um lado, parte da equipe se desfez e precisou ser recomposta para que a revista saísse. São transtornos da vida de jornalista, pautas caem e outras tomam o lugar, projetos se desfazem e outros se constroem quase simultaneamente. De outra parte, recebemos a informação de que duas reportagens publicadas na edição de número 11, do primeiro semestre do ano passado, foram finalistas de importantes prêmios da área.

FAC  ano 8 • nº 13 • 2013

Neste número que o leitor tem em mãos, foram incluídas narrativas de dramas e sucessos humanos. Fabiane Magalhães mergulhou nas entranhas de Formosa, em Goiás, para mostrar que o tráfico de drogas movimentava uma guerra surda e de consequências ainda por se medir [p. 4]. Milena Barros traduz o drama de famílias brasileiras cujos filhos estão fora de casa, por iniciativa própria ou subtraídos, e também aborda a inaptidão do Estado para lidar com o problema [p. 20]. Ingridy Peixoto foi atrás de explicar por que algumas pessoas conseguem viver sem sexo e sem problemas por isso, segundo declaram [p. 34]. Lucas Vidigal conta como é pacata a vida de cidade do interior no bairro Marsilac, o mais afastado do centro, entretanto ainda no município de São Paulo [p. 44]. Monique Rodrigues percorreu o interior do país, foi a Conceição do Araguaia para conversar com o maestro Levino de Alcântara para produzir o perfil do fundador da Escola de Música de Brasília, que continua incansável: fundou outra escola de música no Pará [p. 54]. Nas páginas de arte, tivemos desta vez a presença dos poemas da professora Elizabeth Hazin, que aborda como os reflexos não estão só nos espelhos [p. 64]. Esperamos ter feito uma edição variada e interessante para os leitores. Tê-los e fazer a diferença são no fundo o grande prêmio.

A reportagem *Além das fronteiras*, de Paula Bittar, aborda a história de estudantes que vão cursar medicina fora do país e foi finalista do prêmio Libero Badaró. Além disso, pela primeira vez na história do prêmio regional. Gustavo Aguiar escreveu *As fiapeiras de Frecheirinha*, a respeito da situação precária de trabalho das mulheres numa cidade do Ceará. Hoje, ele está em treinamento no *O Estado de S. Paulo*. A equipe se sentiu orgulhosa pela indicação e sabe o quanto repórteres como Gustavo e Paula podem fazer diferença na profissão. Os prêmios deixam os repórteres felizes, claro, gostamos desse reconhecimento, mas para nós da revista ter esses talentos na equipe fazendo jornalismo intensivo é a verdadeira recompensa.

Não ganhamos os prêmios ainda, mas ter ficado entre os finalistas é indício de que estamos no rumo certo, ou seja, fazemos trabalho reconhecido como de qualidade.

Paulo Paniago
Editor-executivo

VIZINHOS DA FUERRIA

Texto | Fabiane Guimarães
Fotos | Ana Júlia Melo
Diagramação e arte | Luisa Bravo

Na cidade de Formosa, localizada a 80 quilômetros de Brasília, famílias da periferia convivem, driblando o perigo, com o tráfico de drogas

LIVE
GDR

PCF

U
R
T

PAULO
EURIKE
EL
LOS
PRIMOS

N

a balança do açougue, o menino pesava a cocaína. Vinha quase toda semana, carregando a tiracolo os embrulhos de papel pardo, nem pedia autorização. A dona do estabelecimento, um mercadinho dos tempos de "secos e molhados", não fazia caso. Era um pacto velado, uma cortesia em nome da paz. O traficante era um vizinho e os vizinhos são amigos, mesmo em tempos de guerra. "Com tanto dinheiro que faz com esse negócio, devia comprar uma balança", o açougueiro ralhava, irritado. O menino ria e ia embora com o jeito gingado de moleque, o pescoço magro de cavalo envolto em correntes de prata. Estaria morto em menos de três anos.

Ninguém sabe ao certo como o tráfico se espalhou por lá. Há dez anos ou mais, talvez. No começo, o bairro tinha um nome bucólico: Vila Vicentina. Um amontoado de casas espremidas em ruas estreitas de paralelepípedos irregulares em Formosa, cidade goiana com população de 96 mil habitantes, localizada a 80 quilômetros de Brasília. Com o tempo, o local foi se tornando sinônimo de negócios escusos. Na tentativa de lavar a violência, alguns anos mais tarde, rebatizaram a comunidade com um nome de santo — São Vicente. Para a maior parte dos moradores, nunca deixará de ser Vila. Para mim, nunca deixará de ser o lugar onde cresci.

Segundo a Polícia Civil do Estado de Goiás, Formosa é um dos maiores polos de aquisição de drogas que saem do Distrito Federal. Os entorpecentes são originários do Paraguai e da Bolívia e entram no país pela fronteira com o Mato Grosso. Dali, a droga segue caminho até os outros estados brasileiros. Como Formosa é mais próxima de Brasília do que de qualquer outro estado, os traficantes recebem as mesmas remessas que outras cidades do Entorno do DF, como Águas Lindas, Planaltina de Goiás e Luziânia.

Os fornecedores dessas drogas em Formosa se concentram em áreas periféricas próximas à Saída Sul da cidade. Além do bairro São Vicente, entram na conta do tráfico os bairros Parque Lago, São Benedito — apelidado de Vilonia —, Pantanal, entre outros. Não é apenas de viciados que se constrói uma periferia. Entre a população marginalizada, existem famílias

que tentam sobreviver driblando o perigo. A minha é uma delas.

Tiros, sirenes de ambulância e fogos de artifício anunciando a chegada das remessas. São os três tipos de sons mais comuns, geralmente subsequentes. Quem cresceu em locais assim aprendeu a distinguir os significados de cada um. Ficar em casa, quando soam, é a regra geral, mas depois da tempestade os curiosos sempre surgem para avaliar os estragos. Não é raro que cadáveres sejam recolhidos do chão, com a plateia lamentando o ocorrido. O menino que pesava a cocaína morreu de olhos abertos, atingido pelas costas, deixando para trás um par de sandálias havaianas. Tinha acabado de completar 18 anos.

Chegou a um ponto em que o assassinato, ali, não é mais tratado como novidade. Vizinhos de porta comentam as perdas como quem discute sobre a novela das nove. É sempre o filho da dona Maria ou o neto do seu Messias. Às vezes, a fatalidade engloba esposas e parentes — então o pesar é maior. Famílias que um dia duvidaram que aquilo acontecesse com eles são mutiladas dia sim, dia não. Vão-se os jovens criminosos e todos dizem que vão tarde. Nas memórias de quem tentou impedir fica a lembrança amarga e um silêncio incômodo, de coisas que deviam ser ditãs, de alertas que acaso poderiam vingar.

É nos relatos dos familiares que se pode ter uma dimensão dos danos provocados por uma sociedade à mercê das drogas. A sensação de insegurança aos poucos vai dando espaço a uma descrença generalizada no futuro. Mães, tias, pais, avôs e avós acumulam velórios como se fosse certo enterrar adolescentes antes da hora. São relatos tão particulares, e ao mesmo tempo idênticos, que é espantoso notar como a tragédia se tornou aceitável. Perder é uma constante na vida dessas pessoas, trabalhadores humildes de baixa escolaridade, que permanecem vivendo no mesmo lugar por não ter aonde ir. São relatos comuns a outros lugares onde a violência impera. Não é contando os mortos que se pode ter uma noção dos reais estragos do tráfico. A dor, afinal, é sempre de quem fica.

“ São elas que testemunham, nem sempre de olhos abertos, a própria queda dos filhos. ”

As mães

O histórico familiar de um viciado em drogas é, nas periferias de Formosa, muito similar. São jovens de baixa escolaridade, porque se envolveram ainda crianças e largaram a escola, ou porque não encontraram dentro dos colégios qualquer motivação para seguir outro destino. As famílias são fragmentadas — é muito comum que os pais abandonem as mães para viver com outras mulheres, que as mulheres abandonem os maridos devido a algum vício ou agressão física, ou que os homens sejam mortos pelo tráfico quando já deixaram mais de três filhos. Chefes da casa, as mães merecem um capítulo à parte.

Essas mulheres trazem relatos impressionantes sobre a dor de ter um filho marcado para a morte: porque esse é o destino dado como certo para os aviões — garotos que são usados como entregadores — e outros colaboradores do tráfico. As mães, que são em sua maioria empregadas domésticas, manicures ou exercem outros ofícios de baixa remuneração, saem para trabalhar de manhã e não conseguem acompanhar o que se passa em casa. São elas que testemunham, nem sempre de olhos abertos, a própria queda dos filhos.

Quando o filho mais novo de Dalva morreu — Junior, um menino magricela que gostava de pesar cocaína em balanças de açougue — ninguém podia dizer que aquilo não era previsto. Mesmo assim, na noite de 20 de dezembro de 2009, nenhum dos vizinhos de Dalva conseguiu dormir. Ainda me lembro do choro. Seu grito lamurioso, naquela voz potente e conhecida de uma fumante inveterada, era um lamento tão forte e tão triste que parecia perfurar as paredes. Não parecia ser choro de gente. É porque, naquele momento, abraçada ao cadáver alvejado do filho do meio da rua, Dalva era qualquer coisa, menos mulher.

Ela ainda vive na mesma casinha que está presente nas

minhas memórias de infância. Um barraco de paredes rosa, com uma charmosa cerquinha de madeira separando a rua do pequeno jardim de entrada.

O casebre, no entanto, hoje reflete a desolação que invadiu a vida. As paredes estão desbotadas, a cerca desmantelou-se — as tábuas de madeira agora sustentadas por arames — e o jardim virou uma imundície de terra batida e ervas daninhas. Na sala de televisão — o maior cômodo da casa, que cheira a urina e desolação — dois sofás parcialmente rasgados parecem largados no meio da ausência. “Eu sinto uma solidão”, Dalva confessa, com os olhos marejados e a voz pausada. “Um vazio dentro de mim.”

“Mataram meu filho por engano, era para ser outro”, ela acusa com uma revolta angustiada. O assassino de Junior era um bandido de outro bairro, contratado especialmente para a tarefa de baleiar o menino, uma missão cumprida às três horas da tarde. Junior morreu de hemorragia interna e parada cardíaca, consequência dos três tiros nas costas. O autor dos disparos fugiu. A injustiça apontada por Dalva, no entanto, nunca foi confirmada. Ninguém sabe o verdadeiro motivo pelo qual Junior morreu. Mas todos assumem o que Dalva jamais vai aceitar: ele não era inocente.

Dalva se casou aos 14 anos. Aos 20, mãe de dois filhos, ficou viúva. Casou-se novamente e teve mais dois filhos. Abandonou o marido alcoólatra há 13 anos. Os meninos mais velhos saíram todos de casa. Junior, o mais novo, era seu companheiro. Quando o garoto se envolveu com drogas, como usuário de maconha e revendedor de outras substâncias, fez o possível para evitar. “Rezava, pelejava, fiz até promessa, pedia tanto a Deus”, conta.

“Era um menino bom, todo mundo gostava dele”, Dalva

divaga, “nunca roubou, nunca matou”. Na visão dessa mãe, o envolvimento com as drogas era um detalhe menor. Junior nunca teve medo de morrer porque, segundo ele, não devia a ninguém. Desfilava pelos becos de paralelepípedos lascados com autoridade de rei. De fato, todos do bairro conheciam e gostavam do jeito despojado do adolescente. Mas, desde criança, Junior era uma tragédia anunciada. Um menino crescendo sem pai nem perspectivas de vida, na Vila, era um roteiro conhecido cujo final, infelizmente e apesar das tentativas dos familiares e vizinhos, cumpriu o protocolo.

Para sustentar os filhos, Dalva trabalhou a vida inteira como boia-fria, como são chamados os trabalhadores levados para as plantações enquanto o dia ainda nem nasceu. Aos 62 anos, só conseguiu se aposentar no ano passado. Por menos de um salário mínimo, trabalhou arrancando brotos de feijão, capinando lotes e ceifando pés de milho. Acordava às 2h, preparava café e marmitta, e só voltava às 18h. O almoço dos filhos ela também deixava pronto. “Teve gente que me culpou da morte dele (Junior)”, ela confessa cheia de horror. “Mas eu trabalhava para eles não roubarem, não matarem. Não podia ficar parada.”

Dalva não precisa mais se justificar. Os verdadeiros assassinos de seu filho, segundo ela, são os traficantes que o empregaram como avião, rostos dolorosamente conhecidos e que ainda circulam pelas ruas. “Um dia eu falei na cara deles: se meu filho morrer, vocês são culpados”, bufou.

Ela confessa que, apesar da dor que ainda sente, às vezes agradece, secretamente, pela tranquilidade. Agora, não precisa mais se preocupar onde o filho está. É uma espécie de paz às avessas. “A gente fica mais descansada, né, porque não vê mais por aí, na perdição.”

"A vida é a real, é o que é"

Maria, 59 anos, tem duas datas gravadas na memória: 29 de setembro de 2003 e 3 de março de 2007. Todos os anos, esses são os dias em que ela acorda sobressaltada pela ausência.

São dois dias que ela gostaria de apagar da memória. Dos sete filhos, Maria perdeu dois: Marcos e Murilo. "Fizeram casinha para eles", ela me explica, com a voz engolada de um choro que, de tanto cair, secou. Casinha, no vocabulário das ruas, quer dizer armadilha. Com um intervalo de quatro anos entre um e outro, os dois irmãos foram mortos da mesma maneira: atraídos pela conversa de uma conhecida mulher — uma "isca" — até um local pré-determinado, foram baleados na nuca pelos traficantes antes mesmo de perceberem que haviam sido enganados.

A vida inteira, a doméstica morou ali, bem diante da principal rua que liga a Vila ao resto do mundo. A casa, um barraco cheio de emendas e com um amplo quintal de terra, é um pardieiro. Entulhos dividem espaço com gatos, cachorros e galinhas.

Na área de serviço, Maria cuida do filho doente: aos 27 anos, o rapaz esquelético tem paralisia cerebral desde que nasceu e passa os dias deitado em uma rede, quando não na cadeira de rodas doada pelo governo. Pesando menos de 50 quilos, sofre de bronquite e asma. É acompanhado pelo olhar cheio de remelas da mãe — fruto de uma insistente conjuntivite — enquanto tosse violentamente.

O sofrimento de Maria não tem medidas. "Minha vida é uma luta constante", reflete, "agora parece que tudo desmontou de vez."

Marcos e Murilo, Maria se recorda, foram mortos porque sabiam demais. Ela gosta de acreditar que os filhos queriam se livrar do vício. No tráfico, principalmente quando alguém participa das vendas, não existe redenção. "Quando a pessoa tenta abandonar, eles tiram a vida dela", Maria me explica. Murilo aprendeu a fumar maconha com os vizinhos, mas Marcos começou a usar drogas no presídio, onde passou três anos, acusado de estuprar uma menina de três anos. "Foi tudo mentira", Maria assegura, "fizeram corpo delito e tudo. Armaram para o meu filho. Ele vivia dizendo que queria morrer e ir para o inferno, mas não voltava para a cadeia."

Apesar do tempo, a saudade permanece. "É a pior dor do mundo. É uma dor para sempre", Maria sussurra. "As festas de Natal, Ano Novo, é a época pior." Enquanto conversamos, uma menina de olhos grandes desossa uma costela de boi, encostada ao tanque de pedra. Percebo que as tiras finas de carne arrancadas com muito esforço serão o jantar. "Essa é a filha do Murilo", Maria me apresenta, como se a menina não estivesse ali. "Eu peguei para morar comigo, porque a mãe também é viciada."

A menina Natalia é uma órfã do tráfico. Aos nove anos, nem se recorda do rosto do pai, mas conhece a mãe, que não vê há um ano. Maria me conta que proibiu qualquer contato desde a última visita: liberada para passar as férias escolares na casa da mulher, que se dizia curada do vício em crack, Natalia foi abusada sexualmente pelo



padrasto. "Quem descobriu foi o psicólogo", Maria relata, entristecida, piscando o olho purulento. "Ela é uma menina que urina até hoje na cama. Tem dia que tem crise de choro, chora e me diz: eu não quero que a senhora morra, vovó, por que se a senhora morrer, quem vai cuidar de mim?"

Quando eu peço para falar com ela, a menina Natalia se esconde dentro da casa. Ela perdeu a infância e a avó sabe disso. "Ela não vive a vida de uma criança porque eu não tenho condições de comprar tudo que ela precisa, material escolar, essas coisas", lamenta. O medo de que a menina cumpra o mesmo destino dos pais aterroriza Maria. "Falo para ela crescer, estudar, não aceitar quando chamarem para ficar doidão."

O efeito que seduziu seus meninos — que nunca admitiram ser usuários, embora ela soubesse — intriga Maria. Desesperada para entender, ela já chegou a abordar um viciado. Queria saber por quê. "Eu procurei um rapaz e perguntei qual era a sensação de usar a droga", ela relembra, "ele me contou que vê tudo colorido, mais bonito, toda mulher que passa parece linda. É uma sensação de poder". É tudo que não existe na Vila.

Maria não se arrepende de nada, nem um minuto. Os filhos perdidos são lembrados com carinho. "O que eu podia ter feito por eles, fiz", afirma. É honesta, transparente e, sobretudo, conformada. A tristeza está lá, em cada palavra que diz, nada nela é alegria. Mas ela só chora quando a neta traz o colírio para o olho doente. Enquanto espero que aplique o remédio, uma das filhas chega e ela pede que eu disfarce. Não quer que a caçula saiba que está dando entrevista. Teme uma bronca por revelar, assim tão abertamente, os fantasmas que assombram a família. "Mas a vida é a real, é o que é", ela me sussurra, pelas costas da filha, como quem partilha um grande segredo. "Não adianta tentar esconder os problemas."

"O crime não é o creme"

"É você a doninha que quer falar comigo?"

Depois de uma hora e meia de atraso, Leão chegou cheio de desconfiança. Eu me apresentei e sugeri que fôssemos para um lugar mais reservado. Ele preferiu ficar ali mesmo, na rua, seu território desde o nascimento, não tem nada a esconder do mundo e não gosta de se sentir acuado. Veio acompanhado de um amigo, um jovem franzino com bigode ralo e óculos escuros espelhados, que preferiu não participar da conversa. Confiante, apoiava-se na bicicleta de luxo, um modelo para atletas profissionais. No dedo anelar, um anel de ouro vistoso. São mimos adquiridos com o dinheiro que ganha trabalhando em uma marcenaria, ele adianta. Já de cara, Leão diz que não rouba e não maneja armas de fogo. É apenas usuário. Viciado, nunca.

"Quem é viciado não consegue controlar. Eu não uso toda hora, não sou viciado, tá me entendendo?", ele dispara. Parece ansioso em provar os argumentos. Os olhos congestionados e vermelhos me encaram quase sem piscar. Há um ano, esse menino de 17 anos era conhecido na comunidade pelo jeito meigo, sempre



educado com as "tias". Agora, olham para ele de um jeito diferente, lamentam o rumo tomado, evitam encará-lo. Leão virou um "mala", como denunciavam o andar gingado, as roupas folgadas e as gírias. Embora não necessariamente seja a mesma coisa, para todos isso significa que ele já é um bandido.

Na escala do tráfico de drogas, o adolescente só consome maconha, o mais leve de todos os produtos disponíveis. Jura que nunca vai passar disso. "Quem é viciado em cocaína se afunda", constata com sabedoria. Reclama da falta de pureza da erva, alega que usam muita "química" e que ela vem prensada. Explica que existem três maneiras de alimentar o vício: plantando, comprando ou "salvando", que significa um empréstimo ou doação por amigos. Embora seja quase socialmente aceita pela classe média brasileira, nas periferias de Formosa a maconha é associada às notícias ruins e custa caro: em alguns casos, a vida.

Leão não tem medo de morrer. "Eu não devo ninguém, sempre compro à vista. Só morre matado quem deve, só morre matado quem mata", ele me explica pacientemente. Lembra o caso do seu amigo Eliel — um vacilão, ele lamenta, filho de um pintor do bairro que foi abatido a tiros no meio da rua há pouco menos de seis meses. Foram criados juntos e aprenderam a fumar juntos. "Só

morreu porque delatou os cara", ele justifica sem qualquer pesar. A relação entre traficantes e fornecedores deve ser a mais discreta possível, o erro de Eliel foi ter falado demais. "Nada aqui é explícito. Explícito só a Globo."

Apesar de não conhecer os autores, no entanto, todos sabem como chegar até eles. Eu pergunto onde é a boca mais próxima. Leão ri. Ele sabe que eu já sei: um mercadinho encravado na esquina, duas ruas acima. O dono já se rendeu. Não há o que se fazer, senão assistir impassível enquanto os contatos são feitos em cima da calçada. Como mecanismo de defesa, as pessoas da comunidade aprenderam a não provocá-los ou criar qualquer tipo de resistência. O medo e a reprovação estão nos olhos. O diálogo, porém, é quase carinhoso.

O bom tratamento é a chave para todas as relações hierárquicas da Vila, até mesmo para quem não tem nada a ver com o tráfico. "Se você dá respeito, respeitado você vai ser", Leão resume. Em processo semelhante aos códigos da máfia italiana, os bons modos são altamente valorizados, assim como a obediência. Quem não tem nenhum dos dois — os abusados e agressivos — são marcados para a morte. Leão aprendeu onde pisa e, alertado pelos companheiros mais velhos, já sabe como é o caminho até o traficante. "Tem que chegar no sapatinho, se chegar folgado é tiro na cara."



Roubar a mulher do outro também não pode. Quem se atreve a tanto, é convidado para um duelo no qual prevalece a justiça das ruas. Os amantes são apelidados de pés de pano, devido à sutileza e aos passos macios de quem entra e sai sem que o chefe da casa perceba. Quando descobertos, são assassinados em nome da honra. Leão confessa que, às vezes, se sente acuado pela violência. "Ninguém começa influenciado por ninguém. Vai porque quer. Mas vou te dizer uma coisa: não é bom não. Eu só quero ter um dia após o outro."

Para o rapaz de olhos vermelhos, quem não segue as regras está sujeito ao assustador "vale da escuridão": uma morte rápida que pode chegar no meio da rua, em plena luz do dia, quase sempre pelas costas. A dica, nos casos em que há provocação gratuita, é quase bíblica: "Se o cara te esparrar, você dá a outra face". Ele inclina a cabeça para falar, temendo a aproximação das pessoas. "O crime não é o creme", filosofa, "até pra ser criminoso tem que ter responsabilidade."

"Se caguetar na cara dura, morre"

A situação da Vila não é realidade isolada em Formosa. As cenas que se desenrolam nas calçadas desniveladas se repetem nas ruas estreitas dos outros bairros onde a violência parece se repetir. O bairro São Vicente faz fronteira com o Parque Lago, o Setor Sul e o Pantanal. São lugares distantes do centro, de becos estreitos ladeados por barracos de madeira e casas financiadas pela Caixa Econômica Federal. Os vizinhos honestos dividem espaço com a boca de fumo, sem muito a fazer senão suspirar de descontentamento. No Parque Lago, crianças esqueléticas de olhos fundos brincam sem camisa, visivelmente dopadas. É um retrato triste que encontra em outros instantâneos muita semelhança. Lembra que a história de todas as periferias é uma só.

Não é difícil encontrar um traficante. Eles não se escondem, embora também não gostem de exposição. São educados e gentis com os velhos conhecidos. Com os estrangeiros, por outro lado, a desconfiança impera. No Parque Lago — um dos mais perigosos, atualmente — pedi ajuda a um amigo da igreja evangélica local para encontrar algum que topasse falar comigo.

Meu amigo recomendou que eu levasse algumas carteiras de cigarro, de preferência da marca Hollywood — o agrado seria uma boa ferramenta de troca, caso fosse tratada com hostilidade. Logo meu guia achou um conhecido, cumprimentando-se como se disparassem pistolas imaginárias. Aprendi que o convívio entre criminosos e não criminosos é assim, totalmente desprovido de reservas. "Essa menina aqui tá fazendo uma reportagem", meu amigo anunciou, "e está atrás de alguém, você sabe". Para ilustrar, puxou de novo o gatilho invisível.

Ainda que desconfiado, o traficante de 19 anos desceu do carro para me atender com surpreendente solicitude. Galeguinho, como prefere ser chamado, é do Pantanal. Estávamos em uma rua fora de sua alçada e ele, pouco à vontade, a todo momento espiava por trás do ombro. Parecia me apressar com os olhos. Estava fora do seu território e sentia-se ameaçado. No mercado das drogas, a questão do respeito ao espaço do outro é muito importante. Quando traficantes de bairros diferentes ferem essa norma, o preço, como sempre, é a vida. "Quando chega um bicho de outra quebrada e não sai fora, começa a guerra, e na guerra os cara só quer matar", resume Galego.

Galeguinho — um jovem mirrado, de braços tatuados e dentes apodrecidos, sem luxos aparentes — não usa as drogas que vende: maconha, cocaína e crack. "Já usei muito, mas não compensa não", justifica. Tem a fala mansa e uma docilidade inesperada. Começou a se envolver com o tráfico ainda criança e parou de estudar na quinta série. "Fui vendo os moleques na rua, nas antigas, dinheiro fácil, tive como não", resigna-se.

Seu maior exemplo de vida é o irmão mais velho, que também era traficante. "Era um dos mais fortes daqui", recorda ele, com um misto de orgulho e nostalgia, "mas as polícia matou ele dentro da cadeia". Ele, no entanto, não tem ambição de ser como o ídolo. Parece cansado e amedrontado. "Já fui preso várias vezes, mas só puxei cadeia por dois anos. Isso não dá roque não", desabafa. Jura que vai mudar de vida em breve. Pergunto o que ele pretende fazer. A resposta é tão vaga quanto significativa: "Ralar".



Hoje, Galeguinho fatura cerca de quatro mil reais por mês, a depender do movimento. As vendas vão bem e não se estendem aos viciados pobres e marginalizados. Com a desenvoltura de um químico, ele me explica quais são os compostos que usam na cocaína impura — que, em vez de pasta base, é feita da pedra de crack. “O pó vidrado tem ácido bórico, xilocaína, cafeína e lidocaína”, enumera. “E éter, que é para tirar o cheiro da pedra.”

A brevidade da vida que leva não assusta Galego. A morte é uma aliada. “Morrer todo mundo vai um dia”, simplifica. Ele desconversa, por outro lado, quando o assunto são as pessoas que já “apagou”. Prefere não falar sobre isso. Com jeito de criança, só apresenta perigo para uma parcela bem específica. “Se for inimigo meu e da minha família”, restringe, vagamente.

A comunidade convive tranquilamente com o tráfico, na medida do possível. “A população é de boa, sabe que se caguetar na cara dura morre”, Galeguinho conta. A inquietação aumenta e percebo que o meu interlocutor espia, de rabo de olho, o movimento na esquina. “Tenho que sair fora”, se desculpa. Eu agradeço e ofereço a carteira de cigarros. Ele não aceita. “Eu não fumo”, diz, com simplicidade e um sorriso de dentes esburacados.

“Só matei seis pessoas só”
“A paz do senhor, irmã.”

No tradicional cumprimento dos evangélicos, é sempre Fernandinho quem se manifesta primeiro. Após um segundo de hesitação, as religiosas que passam pela rua retribuem a reverência. É que ele ainda causa medo, um receio quase imperceptível para quem desconhece seu histórico. Apesar da conversão — que já dura dois anos — poucos conseguem

esquecer a fama que o rapaz baixo, negro e de olhos escuros sustentou por tanto tempo.

Aos 28 anos, Fernandinho é um ex-bandido. Até 2011, ele era o mais temido do bairro São Vicente. Famoso pelo temperamento ruim, quando era capaz de matar por um simples desentendimento, e por ter passado perto da morte várias vezes: enquanto era traficante, levou um total de 70 tiros, 16 deles por policiais, e duas facadas. Ele me mostra as cicatrizes — pústulas, rasgos e furos espalhados pelo corpo que relembram um passado que ele jura que deixou para trás.

“Eu tava com umas guerraiadas, levando tiro, dando tiro nos outros, aí umas irmãs me chamaram para ir à igreja”, ele lembra os detalhes da conversão. Segundo Fernandinho, em duas semanas deixou de ser usuário de maconha e cocaína e abandonou um negócio que lhe rendia 40 mil reais por mês. O fato de estar jurado de morte também contribuiu. “Era a inveja, me viam comprando casa, carro, falavam que eu estava metido. E você sabe como é, malandro nenhum quer abaixar a cabeça para outro.”

Dos velhos tempos, Fernandinho conserva as gírias, uma corrente de prata e as tatuagens escurecidas que recobrem os braços e o torso. Ele começou no tráfico aos 12 anos, por influência dos amigos. Além de Formosa, já foi preso em cidades como Brasília, Flores de Goiás, Planaltina, Posse e Goiânia. Cumpriu, ao total, 13 anos de prisão, por tráfico, assalto e homicídio. Agora só anda com a Bíblia a tiracolo. Sem chegar a terminar o segundo grau, trabalha como pedreiro, pintor e qualquer outro serviço que apareça.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de evangélicos no Brasil cresceu 61,45% em dez

anos. Na Vila, essa estatística é visível. Igrejas evangélicas de todas as variedades se acumulam nas esquinas — em uma breve caminhada pelas ruas do bairro, é possível contar quatro delas. Pela proximidade com os fiéis e por fornecer amparo às famílias pobres no bairro, é essa a única instituição que se comprovou eficaz na conversão dos jovens envolvidos com o tráfico.

Fernandinho e sua santidade despertam a desconfiança dos não-fiéis, que o criticam aos moldes da famosa canção de Renato Russo, Faroeste Caboclo: “E dizia que era crente, mas não sabia rezar”. O rapaz se mostra arrependido pelas coisas que fez. “Quando eu lembro me dá um frio na barriga, uma dor no coração, pensar que eu fazia isso. Mas era o demônio, o demônio fecha os olhos e os ouvidos da gente”, divaga, “eu nem tinha medo de morrer. Era minha natureza. Mas Deus tocou em mim e agora sou cidadão.”

E ele é notório justamente pela facilidade com que costumava fazer inimigos. Na última vez em que saiu da prisão, em 2011, mal conseguiu andar duas ruas antes de ser abordado por um desafeto que disparou contra ele mais de dez tiros. “Na hora, nem pensei, só estiquei”, ele conta, lembrando a corrida desabalada pela vida. O motivo era vingança, por um dos indivíduos que Fernandinho “apagou”. Ele carrega nas costas o peso de homicídios violentos — a facadas, tiros e, em um caso, a pedradas. “Só matei seis pessoas só”, contabiliza.

Apesar da conversão, Fernandinho tem medo dos inimigos que restaram. Com alguns responsáveis pelos disparos que recebeu, já “apaziguou”. Com outros, nunca se sabe. “A gente sempre tem uma cisma né?”, ele admite. “Mas Deus é mais.”



Uma guerra perdida

A 11ª Delegacia da Polícia Civil, sede do Grupo Especial de Repressão a Narcóticos (Genarc), é um prédio abandonado e esquecido. Vytautas Zumas, um descendente de lituanos agradável, de voz mansa e maneiras educadas, é o delegado responsável. O isolamento não o preocupa. O vazio, sim. Há três anos no comando, o delegado tem a difícil missão de investigar e encontrar culpados para um conflito antigo com o mínimo de recursos humanos. A atribuição principal do Genarc é combater o tráfico. Vytautas, no entanto, tem feito muitas horas extras. "Em razão da falta de efetivo, estamos investigando também homicídios", ele lembra. Na parede, uma fotografia emoldurada relembra dias melhores: um grupo "farto" de nove policiais, que atuavam na delegacia em 2010, posando para a câmera com o uniforme de combate preto. Hoje, são apenas quatro — dois agentes e dois escrivãos. Os outros pediram transferências para lugares mais perto dos lares. Vytautas, a despeito da sonoridade estrangeira do nome, é paraense e conhece como ninguém a geografia do crime em Formosa.

A missão de cuidar dos homicídios veio por ocasião de uma estatística assustadora — no ano passado, o índice de assassinatos foi de 65, um número

que o delegado considera alto para uma população de 96 mil habitantes. Desde março deste ano, já foram 15. Com as investigações em andamento, Vytautas descobriu que quase todas as mortes, excetuando-se um ou outro caso de crime passional, estão ligadas ao tráfico. "Há uma guerra sendo travada em Formosa", ele me explica. Um combate que eu conheço de perto.

A guerra, da qual só se ouve falar em veículos de imprensa do DF como o *Correio Braziliense* a partir da morte de uma ou outra vítima, se estende há pelo menos dois anos. É um conflito armado entre traficantes por questões territoriais. Líderes do tráfico em cada bairro guerreiam contra outros líderes em disputa por espaço. Em busca de mais poderio, os chefes de regiões vizinhas se unem, formando grupos de coalizão. Vytautas destaca os três principais núcleos dessa batalha: bairros menores, como o Setor Nordeste, Dom Bosco e Nova Formosa, contra a força do Pantanal, Parque Lago e São Benedito, que por sua vez fazem inimigos mortais no Setor Sul, Formosinha e São Vicente.

A luta entre traficantes não é novidade. Entre as cidades do Entorno do Distrito Federal, Formosa é considerada até uma região "tranquila", um ótimo local para se viver. O problema é que, na cidade goiana, como

acontece nas cidades em que o tráfico dita o ritmo, a guerra não acaba. Quando um líder morre ou é preso, sempre surge outro para ocupar o posto. Foi exatamente o que aconteceu na coalizão do grupo do Pantanal. O antigo chefe desse setor, o Zequinha, foi preso no ano passado. Diante do cargo "vago", um outro traficante assumiu — ou roubou, como alegam seus inimigos — um homem que ninguém vê, mas ouve falar: o Jacaré.

A fama de Jacaré chega primeiro que o homem. A maior parte do que se sabe sobre ele remonta a boatos que tornam a aparência do traficante quase lendária. Dizem que ele tem um exército inteiro à disposição, que só anda com colete à prova de balas, que é bonito e se veste como qualquer outro trabalhador assalariado. Que ele só anda com motoristas e é rico. Sua habilidade em se camuflar é tão grande que ninguém consegue identificá-lo, ou pelo menos separar a verdade do mito. Inspira inveja. Contra ele e seus parceiros na coalizão do Pantanal, os chefes dos demais bairros declararam guerra. O preço é a cabeça do Jacaré. Um homem que sabe desaparecer.

"Para pegar esse cara, preciso de gente para ficar na cola dele", Vytautas comenta. Gente é o que o delegado não tem. Além disso, não é fácil perseguir o traficante em uma comunidade pequena. "Todo mundo conhece a polícia e ele tem informantes em todos os lugares", justifica. Enquanto Jacaré foge da justiça das ruas, Vytautas precisa se preocupar com as vítimas que são feitas nessa guerra inspirada por ele. Os traficantes se matam, sim. Mas levam consigo quem não tem nada a ver com a briga. "Cada morte tem uma retaliação. O problema é que eles travam batalhas no meio da rua, onde pessoas inocentes estão passando", o delegado conta.

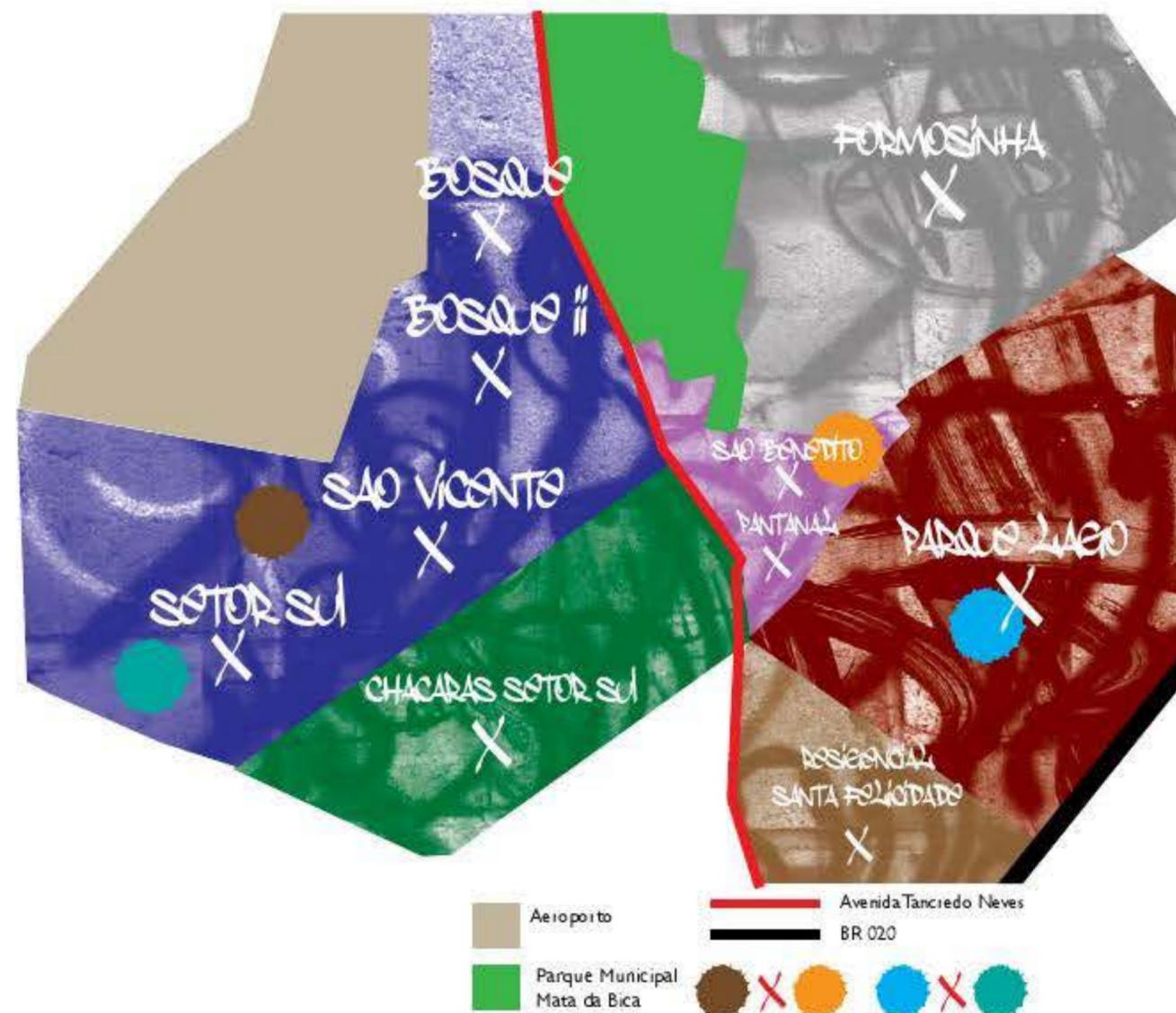
Além da briga contra o traficante de outro bairro, a morte também pode ser inspirada por vingança a uma ofensa, ou uma ameaça feita a algum membro da família. A verdade, conforme admite o delegado, é que o mote inicial é quase esquecido e a batalha continua, nem sempre por motivos claros. "Chegou a um ponto em que nem eles sabem por que estão guerreando", suspira ele.

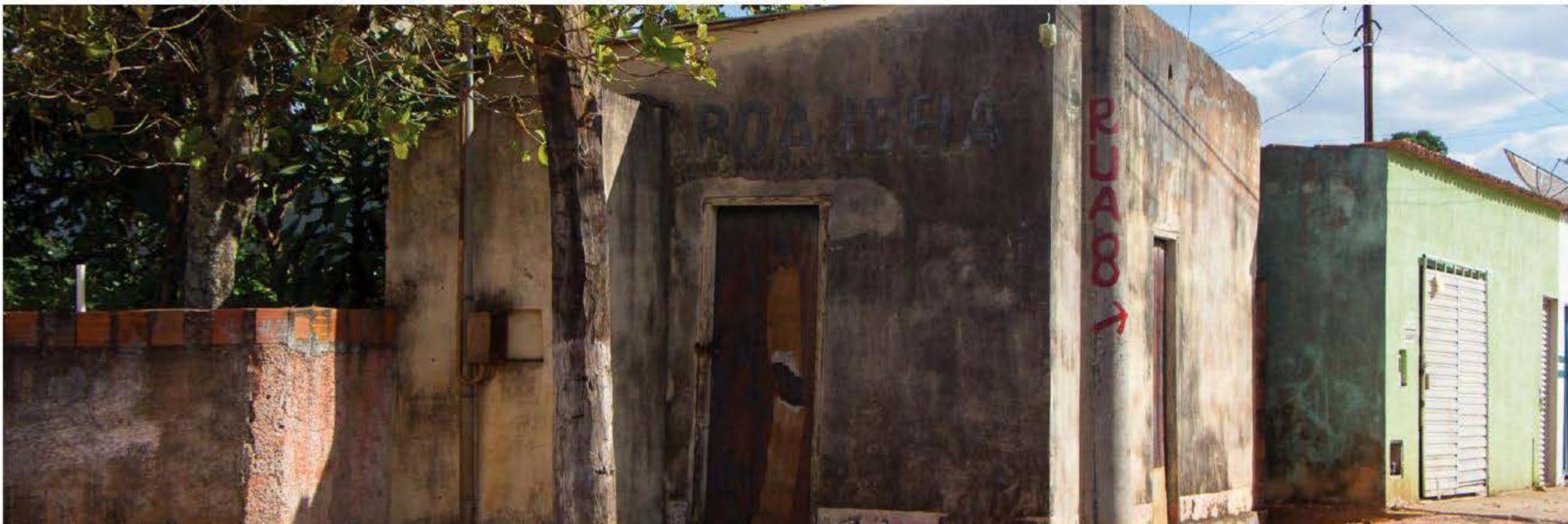
O armamento usado no combate envolve revólveres calibre 38, pistolas 380 e até mesmo armas de uso restrito, como o revólver calibre 357 e a pistola .40, que é de uso exclusivo das forças policiais. Os traficantes não encontram dificuldades para ter acesso a esse tipo de material bélico. "É muito fácil adquirir armamento no Paraguai. No caso

das pistolas exclusivas, provavelmente são decorrentes de furtos à casa de algum policial ou ao batalhão", Vytautas justifica.

Devido à escassez de profissionais, o número de apreensões diminuiu. Desde que foi criado, em 2010, o Genarc apreendeu 43 quilos de maconha, 12 quilos cocaína, 15 quilos de pasta base de cocaína (composto insolúvel em água e solúvel em solventes orgânicos do qual se extrai o pó), 30 comprimidos de LSD e 177 latas de merla, essa última um subproduto da cocaína feito a partir da folha de coca e de componentes químicos como ácido sulfúrico e querosene. Não são números expressivos. Desde março, quando a equipe foi deslocada para investigar homicídios, essa apreensão caiu

A GUERRA DO TRÁFICO EM FORMOSA





“Chegou a um ponto em que nem eles sabem por que estão guerreando”

ainda mais. Pressionado, Vytautas prefere não dizer o quanto. Ele informa apenas que ocorreu uma diminuição de cerca de 80%.

Outro dado preocupante é a superlotação das duas unidades carcerárias do município, uma provisória e outra definitiva. Com capacidade para 116 presos, as duas cadeias abrigam 217, segundo dados da Superintendência de Serviços Penitenciários (Susepe). “É uma cadeia em estado precário, que não oferece tanta segurança”, admite o delegado. Desde o começo de 2013, pelo menos cinco presos fugiram da instituição.

A equipe de Vytautas não consegue cuidar de tudo ao mesmo tempo e sonha

com a chegada de novos integrantes, que deve acontecer em janeiro de 2014, quando serão empossados os aprovados no concurso público que está em andamento. Além disso, a polícia esbarra em um fator crucial para o insucesso: a desconfiança de uma população que, oprimida, não é capaz de delatar os próprios vizinhos.

Vytautas é pessimista. “Acabar com o tráfico é muito difícil. A todo momento surgem novos traficantes”, suspira, “não é só um problema de polícia, é um problema social, de falta de educação, estrutura familiar e saneamento básico”. Sem perspectivas de empregos melhores, o envolvimento dos jovens é, na visão do delegado, uma predisposição anunciada no berço. É uma forma atraente de ganhar dinheiro fácil. “O mercado das drogas é lucrativo. É uma empresa que não demanda muitos funcionários e o traficante nunca tem que trabalhar, porque o cliente vem até ele. A verdade é que essa guerra a gente não vai ganhar nunca”, confessa.

Formosa não é a única cidade a sofrer do problema. Os números confirmam que a violência no Entorno do Distrito Federal cresce a cada ano. Segundo o estudo Mapa da Violência 2012, divulgado pelo Instituto Sangari – instituição criada em 2003 que promove a difusão científico-cultural – o

número de homicídios no Entorno cresceu 39,3% em dez anos. Saltou de 1.042, em 2000, para 1.451 em 2010. A estatística protagonizada pelas cidades goianas é indicada pelo estudo como um dos fatores responsável pelo crescimento absurdo da taxa total de assassinatos do estado de Goiás: em 1998, o quantitativo era de 13,4 homicídios para cada cem mil habitantes. Em 2010, esse número subiu para 29,4, um aumento de 119,4%.

O tráfico de drogas é, em alguns casos indiretamente, uma das principais razões para o aumento da violência. Pelo menos é o que acreditam as autoridades estaduais. O Governo de Goiás, por meio da Secretaria da Segurança Pública e Justiça (SSPJ), criou, em 2012, o Gabinete de Gestão em Segurança do Entorno do Distrito Federal. O Gabinete visa desenvolver estratégias e ações para conter a criminalidade. A SSPJ também recebeu R\$ 37 milhões para investir no Entorno. “Os recursos serão revertidos em treinamento de pessoal e aquisição de equipamento, com foco principalmente na investigação e serviço de inteligência”, comenta o secretário de Segurança Pública do Estado de Goiás, Joaquim Mesquita.

O secretário realizou uma visita a Formosa recentemente, na qual recebeu reivindicações da população,

principalmente a respeito do presídio. Mesquita comenta que a Agência Goiana de Transporte e Obras (Agetop) havia contratado uma empresa para construir um novo, mas a instituição desistiu e foi necessário iniciar nova licitação, que está em fase final. Segundo ele, serão 300 vagas ao custo de R\$ 10 milhões. A falta de policiais também é admitida. “Este é o maior problema que a Segurança Pública de Goiás enfrenta. Mas a situação irá melhorar no segundo semestre, pois temos em andamento dois concursos públicos, para Polícia Civil e Militar, e o Serviço Militar Voluntário. No total, serão incluídos mais de três mil homens na segurança e boa parte desse efetivo será destinado para o Entorno do DF”, promete.

Para Mesquita, a SSPJ não consegue lidar sozinha com o problema das drogas. Não existe sequer um levantamento pronto sobre apreensões nos últimos anos. O secretário se esquivava quando o assunto é a inépcia do estado quanto a questões como a guerra entre traficantes. “Vale ressaltar que o problema do tráfico de drogas assola todo o Brasil, inclusive as cidades de menor população. E este é um problema que não cabe somente à Segurança Pública, mas também a todos os níveis do Estado, como educação, saúde e da sociedade”, conclui.





Anualmente, milhares de famílias brasileiras perdem contato com crianças e adolescentes. Sem saber onde estão, se um dia voltam ou se estão mortos, ou sendo vítimas de algum tipo de violência ou exploração, os familiares não conseguem evitar a angústia da ausência de respostas, e aguardam por notícias, oscilando entre a esperança do retorno para casa e o luto de tê-los perdidos.

A LONJ ANGA ESPERA

Texto | Milena Barros
Fotos | Igor Caldas
Diagramação e arte | Ludmila Toledo



Encostado na parede do quarto, o armário antigo guarda vestidos de uma menina de dez anos de idade, um estojo cor-de-rosa, um livro de matemática da quarta série, algumas bonecas e um grande cachorro marrom de pelúcia. Ao lado da janela, a mesa apoia o rádio gravador coberto por plástico rosa. "Ainda está novinho. Ninguém ouviu música nele". O rádio foi o presente de aniversário de Michele de Jesus da Conceição, quando ela completou dez anos, em 29 de junho de 2006. Na parede em que a cama forrada com lençol floral fica encostada, está o quadro com a fotografia de Michele. Gercino da Conceição, o pai, estende o braço, retira o quadro com cuidado, sorri e se envaidece: "Olha como minha filha era linda. Tão perfeitinha". O homem silênci. Respira fundo. "Está tudo aqui guardado, esperando a Michele voltar". A menina desapareceu em 7 de setembro de 2006, quando ia para a casa da amiga Franciele, duas ruas atrás de sua casa. Desde então, o pai espera por notícias dela. Hoje, ela estaria com 17 anos.

As paixões de Gercino ficam estampadas na parede da sala da casa, na quadra 17 do Setor O, Ceilândia Norte. Os pôsteres do Botafogo ficam no topo da parede. Abaixo, à altura mais confortável para olhos, estão os santos da igreja católica e molduras com fotos de Fernando, Gabriel e Emanuel, os outros três filhos de Gercino. O retrato de Michele foi retirado da parede da sala. O pai afirma que a ausência da filha é muito intensa para ele encarar-la numa fotografia todos os dias. "É um vazio que nunca será preenchido", desabafa.

Michele era uma menina estudiosa, de poucas amigas. Lúcia da Conceição, a mãe, faleceu em 2002, de problemas no coração. Michele não costumava sair sozinha e, mesmo para ir à casa da amiga tinha de pedir consentimento ao pai. Quando Gercino tinha de trabalhar, pagava à mãe de Franciele para cuidar também de Michele. Depois que Gercino se casou com Marlene, a filha passou a ficar com a madrasta.

No dia 6 de setembro de 2006, quarta-feira, Michele pediu para brincar na casa de Franciele, no feriado do dia seguinte. O pai, vigia noturno, não consentiu. Ele pediu que a menina o esperasse retornar do trabalho para andarem de bicicleta, como costumavam fazer. Depois ela poderia ir à casa da amiga.

Na manhã de 7 de setembro, Michele, que estava na companhia de Vanessa Fernandes, de 18 anos, filha da madrasta, vestiu calça jeans e camiseta verde, pegou os óculos de grau para correção de miopia, afirmou que o pai havia permitido que fosse à casa de Franciele, e saiu.

Quando Gercino retornou para casa após o expediente de trabalho, por volta das 18h, soube pela esposa que ninguém sabia onde Michele estava. O homem esbravejou e gritou, perguntando por que ninguém o tinha avisado antes. Ele foi à 24ª Delegacia de Polícia (DP) e registrou a ocorrência de desaparecimento às 21h08.

Gercino não sabia, mas só foi possível o registro de desaparecimento imediato por que em janeiro de 2006 foi publicada a Lei Federal da Busca Imediata. Antes, não havia legislação a respeito do período correto para registrar ocorrência policial de desaparecimento. "Como o desaparecimento não está configurado como crime no código penal e em muitos casos a pessoa retorna espontaneamente no prazo de 48 horas, as delegacias não registravam o caso em tempo inferior a este. Evitava-se o registro enorme de desaparecimento de pessoas que voltavam em pouco tempo. Por outro lado, deixava-se de atender o pequeno número que poderia ser vítima de violências graves. A lei veio para evitar isso", afirma o delegado-chefe da 24ª DP, Marcelo Portela, que tem mais de 15 anos de experiência na polícia e que por cinco trabalhou na Divisão de Repressão ao Sequestro.

No texto, a lei explicita que a investigação do desaparecimento de crianças ou adolescentes "será realizada imediatamente após notificação aos órgãos competentes, que deverão comunicar o fato aos portos, aeroportos, Polícia Rodoviária e companhias de transporte interestaduais e internacionais, fornecendo-lhes todos os dados necessários à identificação do desaparecido". No DF, por ano são registrados cerca de oitocentos casos de desaparecimento de crianças e adolescentes, conforme dados da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente do DF (DPCA). No Brasil, a Secretaria de Direitos Humanos (SDH), vinculada à Presidência da República, estima que são cerca de 40 mil casos anuais.

Em 2011, o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito para investigar causas, consequências e responsáveis pelos desaparecimentos de criança e adolescentes no Brasil, intitulada CPI — Desaparecimento de Crianças e Adolescentes, apontou que cerca de 17,5% desses casos permanecem como enigmáticos, ou seja, sem solução por longos períodos de tempo ou que nunca serão solucionados. Desse modo, a cada ano, cerca de sete mil crianças e adolescentes desaparecem no Brasil. O relatório menciona, ainda, que meninas entre 10 e 12 anos de idade chegavam ao "Rio de Janeiro em boleia de caminhão, e eram exploradas sexualmente pelo preço de R\$ 1,99".

Apesar da lei, o termo desaparecimento não possui definição legal. Há entendimento consensual de que crianças e adolescentes estão desaparecidos quando o responsável não sabe do paradeiro, independente do lapso temporal: horas, dias ou anos, esclarece a psicóloga Izabel Bareicha, mestre no assunto crianças e adolescentes desaparecidos no DF.

Embora o registro de desaparecimento de Michele tenha sido imediato, Gercino enfatiza que a investigação do caso só teve início cerca de duas semanas depois. O atual delegado-chefe nega e afirma que, apesar do baixo efetivo de policiais, a lei foi cumprida.

Tempo

O tempo é fundamental nos casos de desaparecimento de crianças e adolescentes. A diretora de Políticas Públicas da América Latina e Caribe, do Centro Internacional de Crianças Desaparecidas e Exploradas (Icmecc), Kátia Dantas, ressalta que "o estudo realizado pela Procuradoria Geral de Estado, dos Estados Unidos (EUA), sobre crianças desaparecidas,

constatou que no país mais de 70% dos homicídios ocorrem nas três primeiras horas após o desaparecimento, e que nesse período, elas podem ser localizadas em perímetro próximo ao do local onde foram avistadas pela última vez. A cada hora que se passa, o raio para localização pode ser ampliado e a criança ou adolescente pode ser levado para outro estado, dificultando a busca". Daí a importância de que as diligências sejam imediatas e de que rodovias e locais de trânsito de pessoas sejam informados o mais breve possível.

Nos EUA, existe um cadastro nacional unificado para os casos de desaparecimento, como o utilizado no Brasil quando se trata do furto de veículos. As famílias são entrevistadas para que as pistas ajudem a definir a linha de investigação para elucidar o paradeiro e para que as buscas não sejam aleatórias. Em 2012, foi criado no Brasil o Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Desaparecidos, embora a legislação prevesse a criação em 2009. O registro pode ser feito pelos familiares e a publicação é feita por equipe da SDH.

O caso de Michele foi registrado, entretanto. Dentre as informações, consta que a menina desapareceu em 7 de outubro de 2006, e não em setembro, que o desaparecimento foi motivado por disputa de guarda entre os genitores, embora a mãe tenha falecido em 2002, e que não houve registro de ocorrência, o que aconteceu às 21h08 do dia do desaparecimento.

Apoio

Gercino não tinha disposição para trabalhar e durante a noite chorava a falta da criança. "Muitas noites eu não conseguia dormir. Num mundo de amargura como esse, um pai não saber onde está a filha é sofrimento demais", diz. O homem adoeceu. A pressão arterial subiu. Hoje toma cinco tipos de remédios controlados.

É comum que familiares de crianças e adolescentes desenvolvam sintomas, reações físicas, como dificuldade para dormir ou falta de apetite e suscetibilidade a doenças do sistema imunológico. A perda prematura de um ente querido frustra expectativas geracionais e é talvez a mais dolorosa para a família, uma vez que reverte a



ordem natural, cronológica, em que se perde primeiro aqueles com idade avançada, explica a especialista Bareicha.

O pai de Michele foi aconselhado pelo compadre, Gilvan dos Santos, a procurar o Centro de Atendimento SOS Criança Desaparecida, da então Secretaria de Estado de Ação Social (Seas), hoje Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda (Sedest), para receber "conforto", diz Gercino, referindo-se ao apoio psicológico oferecido pela instituição. Ele participou do grupo multifamiliar, onde conheceu pessoas que vivenciavam e partilhavam experiências do drama semelhante ao seu. Gercino aprendeu a controlar a ansiedade e retomou as atividades rotineiras e o trabalho. "A angústia existe, mas aprendi a conviver com ela", diz.

O SOS Criança Desaparecida era o instrumento de operacionalização do Serviço de Prevenção e Atenção ao Desaparecimento de Crianças e Adolescentes, que foi criado em 1999 na Seas. Diversas ações eram desenvolvidas e baseavam-

se no apoio psicológico aos pais e desaparecidos quando localizados, divulgação de imagem por cartazes afixados em locais de grande circulação – contendo data de nascimento e desaparecimento, nome e número de telefone 0800 para informações – e formação de grupos multidisciplinares, acompanhado de psicólogos e assistentes sociais para troca de experiências. Policiais eram convidados a participar dos grupos. "Era um momento importante para ouvir relatos que nem sempre vinham à tona no momento da entrevista da família com a polícia. Detalhes que a família não considera importantes podem ser fundamentais para o desfecho de um caso", afirma Celma Lima, perita da PCDF, que atuava com demandas de desaparecimento à época. Lima complementa que estar em contato com a família incentiva a investigação e humaniza o trabalho.

Ações de caráter preventivo eram desenvolvidas, além de orientação às famílias sobre conflitos e como superá-los para que os vínculos familiares não

fossem rompidos, evitando, por exemplo, o desaparecimento por fuga do lar. Responsáveis por instituições governamentais, como hospitais, eram orientados acerca de cuidados com bebês recém-nascidos, para que não fossem subtraídos, e sobre a notificação à polícia quando da demanda de serviços hospitalares por crianças e adolescentes que chegassem desacompanhadas dos responsáveis. Atualmente, observa-se que a família é responsável por contatar e fazer a comunicação aos órgãos governamentais, quando deveria ser papel do Estado.

O SOS Criança e Adolescente Desaparecidos foi extinto em 2007. Com a mudança de partido na direção do Governo do DF, houve formulação de nova política de assistência social e os serviços deixaram de ser centralizados. Atualmente, as ações são distribuídas para os Centros de Referência Especializados em Assistência Social (Creas), da Sedest. Esse centro é uma unidade do Sistema Único de Assistência Social, responsável por atender indivíduos e famílias cujos direitos foram violados. A equipe deve ser



O desaparecimento de Michele fez com que Gercino adoecesse. Atualmente ele toma 5 tipos remédios controlados

multidisciplinar, composta por assistentes sociais, psicólogos e pedagogos. Entretanto, há número reduzido de pessoal.

O objetivo em descentralizar o serviço de atendimento de famílias com crianças e adolescentes desaparecidos é torná-lo mais acessível para a população. No DF existem 12 Creas com autonomia para criar grupos de apoio de acordo com a demanda local. Até outubro de 2013, apenas o Creas Taguatinga teve a iniciativa de formar grupo, embora não tenha tido êxito por falta de comparecimento das famílias convidadas.

Gercino reclama que hoje se sente desamparado e acredita que com o passar dos anos os serviços relacionados ao desaparecimento foram deixando de ocorrer. Izabel Bareicha, mestre no assunto desaparecimento, afirma que a cada quatro anos, com a mudança de governantes, "as ações da gestão anterior são abandonadas, ainda que sejam boas. Os investimentos são perdidos, principalmente no tocante ao capital humano". Kátia Dantas, do Icmec, concorda, e acrescenta que "a descontinuidade de ações deixa a população sem referência, principalmente por não indicar onde a família poderá ter apoio".

Luto e esperança

O sentimento de angústia é comum entre os pais que tiveram um filho desaparecido. Josefa Vieira, 79 anos, sabe bem o que é isso. Em fevereiro de 1952, um mês após o nascimento de Josete da Silva Oliveira, o marido e caminhoneiro, José Bartolomeu, hoje com 91 anos, a convenceu de que seria muito difícil cuidar sozinha de duas crianças. Ele levou a primogênita, Joilza Bartolomeu da Silva, com aproximados um ano e cinco meses, na viagem que fez.

Sete meses depois, o homem voltou, entregou uma fotografia da filha com dois anos de idade, e

sumiu novamente. Josefa guardou a foto junto à certidão do casamento. Permaneceu morando na mesma casa, na cidade de Campina Grande (PB), por mais de 20 anos, quando veio morar em Brasília com a filha Josete, que havia se casado. Josefa não se casou novamente, não teve mais filhos. Aprendeu a sofrer calada, buscando na ocupação de cuidar da filha que lhe restava, esquecer aquela que o marido levou.

Quando as visitas chegavam à casa da família, Josefa ia para o quarto. "Ela não gostava de conversar. Parece que a vida era esperar o marido voltar com a filha", afirma a amiga e cunhada de Josete, Maria Goretti Gomes de Oliveira. No final de 2012, Josete trocou alguns móveis da casa onde mora com a mãe e dois dos quatro filhos. Ao organizar as coisas da mãe, achou uma pequena caixa, onde estava a foto da irmã, Joilsa. "No verso, estava o sobrenome com que ela foi registrada, apenas o do meu pai", relata Josete. Com a nova informação, ela e Maria conseguiram localizar Joilsa, que cresceu com a família do pai, acreditando ter sido abandonada pela mãe.

Para a legislação brasileira, a retirada de filho menor de 18 anos do poder e convívio da família com intenção de colocá-lo em família substituta é subtração de incapaz. O caso de Josefa pode ser considerado subtração, já que a filha lhe foi retirada sem que ela tivesse convívio, esclarece Suzana Viegas, mestre em Direito, Estado e Constituição.

Caso semelhante ocorreu em Brasília no ano de 1986, quando Maria Auxiliadora Braule Pinto, a Lia, teve o filho subtraído da maternidade, apenas 12 horas após o parto. O menino foi localizado 16 anos mais tarde, em 2002, no interior do Goiás. O fato teve repercussão nacional e ficou conhecido como Caso Pedrinho. Para Josefa, o reencontro entre mãe e filha aconteceu em março de 2013, 61 anos após o desaparecimento. "Nesses 30 anos que conheço a família, só



Josete conseguiu localizar a irmã, Joilma, a partir de uma anotação no verso de uma foto guardada por sua mãe, Josefa

depois de reencontrar a filha é que Josefa ri. Ela gargalha. Parece outra pessoa", afirma Maria.

Durante mais de seis décadas, Josefa vivenciou os sentimentos paradoxais de conformismo de perda da filha e esperança do reencontro. É a "ambiguidade do sofrimento", explica a psicóloga Izabel Bareicha. Um ente querido pode estar fisicamente ausente, mas psicologicamente presente, como nos casos de desaparecimento. A presença se dá nos objetos pessoais que a família tende a não se desfazer.

Quando da perda, a família passa por um processo de readaptação sociológica, terá

de se modificar frente à nova realidade social e econômica. Os integrantes da família tendem a suprir o espaço que a pessoa ocupava, de modo que a família não se desestruture por completo. Por exemplo, se o pai, provedor da família, falece, um dos filhos pode assumir esse papel. Os demais podem contribuir com o sustento da casa. As responsabilidades são distribuídas na reestruturação da família. No caso de crianças, geralmente lhes são imputadas poucas responsabilidades, gerando uma lacuna que poucas vezes pode ser preenchida nas responsabilidades globais da família, esclarece Bareicha.

O que diferencia a morte do desaparecimento é que nela há um corpo que transmite a materialidade da vida que foi perdida. No desaparecimento de alguém, a materialidade da pessoa se apresenta nos brinquedos, fotos, lembranças da família, e permanece presente até que não se tenha dúvida do que ocorreu. A família tem dificuldade de se reorganizar pela incerteza dos fatos e passa a viver o estado de melancolia.

Sigmund Freud, no livro Luto e melancolia, esclarece que "o luto, via de regra, é reação à perda de uma pessoa querida". O enlutado sofre uma perda real.

A melancolia "se caracteriza por um desânimo profundamente doloroso, uma suspensão do interesse pelo mundo [...] e um rebaixamento do ego". Apesar de considerar que luto e melancolia apresentam traços semelhantes, Freud deixa claro que luto não afeta autoestima, o que ocorre na melancolia. Bareicha relata que é comum que os pais ou responsáveis pela criança ou adolescente desaparecido apresentem sentimento de culpa, por não oferecerem proteção suficiente para evitar o ocorrido.

Incertezas

Gildene Nerys de Jesus, 37 anos, senta-se no sofá. O som toca música com volume alto. Quando ela começa a falar sobre Beatriz Nerys da Silva, a filha desaparecida aos 16 anos em uma manhã de domingo de janeiro de 2010, Ivaldinei Pereira da Silva, 44 anos, pai da adolescente, se retira. O homem só volta para desligar o som. Bernadete*, 11 anos, irmã de Beatriz, só aparece quando é chamada, mas logo retorna para o quarto. O único que não demonstra qualquer incômodo é Bernardo*, três anos, que sequer conheceu a irmã mais velha. Gildene estava grávida quando Beatriz desapareceu.

Gildene afirma que a polícia iniciou as buscas no dia seguinte ao desaparecimento, após o registro da ocorrência na DPCA. "Eles procuraram por todos os lugares, mas nem sinal dela. Saiu com a roupa do corpo. Não levou nada", diz.

A cama e o computador de Beatriz ficaram para Bernadete. As roupas foram doadas. A família tenta superar a perda, que não consegue entender. "Como pode alguém sumir assim?", se questiona Gildene. Ela com frequência procura a DPCA para saber se há novidades no caso da filha. Não há. "Às vezes eles me chamam lá. Fiz até exame de DNA para saber se uns cabelos que eles acharam eram da Beatriz", afirma. Em silêncio Gildene fixa os olhos no teto por alguns instantes. Por fim, conclui: "A polícia disse que ela não está morta, senão, eles já teriam achado o corpo".

Questionada sobre a possibilidade da filha ter fugido, Gildene balança a cabeça em sinal negativo, encolhe os ombros e estende as palmas das mãos para cima, gesto que pode ser traduzido como "não sei". "Mas eu quero que ela volte e dê uma explicação do por que dela ter sumido, por que ela fez isso com a gente", afirma com tom de voz sempre baixo, pausado e ressentido.

Além de cartazes de desaparecimento, produzidos pela Sedest, a foto de Beatriz foi divulgada nas contas de água e luz do DF. Por lei distrital, Caesb e CEB devem divulgar, por mês, a imagem de ao menos três crianças e adolescentes desaparecidos. Não há dados que comprovem a efetividade de divulgar imagens nessas faturas. Nos EUA, pesquisas comprovam que cerca de 30% dos casos de desaparecimento são solucionados devido à divulgação da imagem, segundo Kátia Dantas, do Icmec. No Brasil, a sociedade não é orientada sobre a importância de observá-las.

No período de junho de 2011 a maio de 2012 as faturas apresentavam número de telefone 0800 da Sedest para notificação dos casos, quando na verdade deveria ser o número 190, devido a assinatura de termo de compromisso entre Sedest e Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal, com objetivo de efetivar a Lei da Busca Imediata no DF.

Apenas em maio de 2012, um ano após a assinatura do termo, o erro foi verificado pela Sedest, que solicitou correção para Caesb e CEB. Não houve campanha publicitária ou divulgação em massa da oferta do serviço, tampouco esclarecimentos de que a ligação não substitui o boletim de ocorrência. Os próprios agentes de polícia da DPCA desconheciam o novo número.

O registro do desaparecimento também pode ser feito na Delegacia Eletrônica, no site da PCDF. A investigação do fato descrito na ocorrência eletrônica, será realizada pela delegacia que responde pela área de abrangência do acontecido. No site há informação de que em até 24 horas o boletim de ocorrência será analisado. Portanto, apesar de ter sido criada para comodidade do demandante, nos casos de desaparecimento a investigação não será imediata, como prevista em lei. Deise Andrade, policial civil da Seção de Investigação de Crianças e Adolescentes Desaparecidos da DPCA até setembro de 2013, pondera que as demais ocorrências passíveis de registro pelo site, como furto e extravio de documentos, são de baixo potencial ofensivo, não colocam em risco a vida das pessoas, o que ocorre nos casos de desaparecimento. Andrade acrescenta que o procedimento de análise de ocorrência eletrônica é burocrático, e que haverá necessidade de entrevistar a família para que a investigação se inicie.





Com o apoio de Rafael e da família, Carol voltou para casa e se livrou do vício

Quando o amor resgata

Rosineide Neves, 39 anos, orava todas as noites e pedia a Deus para encontrar a filha, Lana Karolina Neves Candido, de 16 anos. Ao chegar a casa, após terminar mais um dia de trabalho de gari, soube que a filha tinha saído e não tinha retornado. Ela aguardou durante a noite, mas como a adolescente não voltou, registrou ocorrência na 18ª DP, em Brazlândia. Era fevereiro de 2011. Na delegacia, Rosineide lembra que os policiais disseram para ela aguardar, pois era comum meninas naquela idade fugirem de casa. Rosineide não deu atenção ao conselho. Por conta própria iniciou a busca pela filha. Passaram-se mais de 75 dias sem que ela tivesse qualquer informação. "Dias de desespero, que pareceram uma eternidade", afirma.

Até os 15 anos de idade, Lana Karolina, a Carol, costumava ir à escola e à igreja Poço de Jacó, em Brazlândia, cidade onde mora desde que nasceu. Fazia parte do coral e participava do grupo de oração de jovens. Aos 16 começou a usar drogas, após o assassinato da tia Rejane Neves, morta pelo ex-companheiro a pauladas e facadas em outubro de 2010. Por causa do vício, Carol lembra que fugiu de casa para ficar em uma chácara, próxima dali, com outros usuários. Permaneceu por duas semanas. Depois foi para Taguatinga. "Foi lá que tudo piorou. Eu me afundei no vício", diz Carol. "Comecei a namorar o Jeremias* e fiquei em uma casa onde o consumo de drogas acontecia 24 horas por dia. As pessoas me tratavam mal, inclusive meu namorado. Apenas o dono da casa, Josué*, me tratava bem, e dizia que ninguém podia mexer comigo", afirma a jovem, hoje com 19 anos, casada, mãe de um filho e grávida de gêmeos.

Rosineide saía do trabalho e vagava pelas ruas, por locais onde acreditava poder encontrar a filha. Sem dinheiro para pagar condução, pedia ajuda aos amigos. Além de Carol, a mulher tinha mais três filhos do segundo casamento, e desde o assassinato da irmã, Rejane, assumiu a responsabilidade sobre a sobrinha Sandra*, com pouco mais de um ano de idade. "Era tudo muito difícil, mas eu não podia desistir, não podia perder minha filha", afirma Rosineide.

A cada dia que se passava, Rosineide ficava mais apreensiva, com "medo de que acontecessem coisas ruins, como com aquela menina que acharam a cabeça em um lugar e o corpo no outro", referindo-se ao caso da adolescente de 14 anos, Isabela Tainara, que desapareceu em maio de 2007. Isabela aceitou carona de Michel Davi Ezequiel, de 21 anos, para voltar para casa, no Sudoeste, após a aula no curso de inglês, a 500 metros dali. Isabela foi levada para um matagal em Samambaia e os dois comparsas de Ezequiel estupraram e mataram a adolescente. Os pais ficaram sem notícias por 46 dias, quando a polícia civil identificou o corpo, com marcas de agressão, decapitado. Devido ao estágio avançado de decomposição, foi necessário que a polícia fizesse exames periciais para identificar que o cadáver era de Isabela.

Após dois meses e meio, Rosineide recebeu a primeira ligação de Carol. "Foi um alívio saber que ela estava viva, mas eu ainda não sabia onde ela estava. Cada vez que o telefone tocava eu tinha medo de que fossem me avisar que ela estava morta, embora eu acreditasse no meu coração que ela voltaria", conta Rosineide. Ela colocou um aparelho bina para identificar o número de telefone das ligações



recebidas. Assim poderia descobrir o paradeiro da filha.

Carol estava com o namorado quando ele se enfureceu, apontou uma arma para seu rosto e afirmou sentir vontade de matá-la, lembra. Ela decidiu voltar para casa da mãe. Não se passou uma semana para que Carol desaparecesse novamente. Por algumas vezes a adolescente voltava e depois partia. Esses casos, em que a criança ou adolescente desaparece e retorna para casa, em seguida desaparece novamente e volta a retornar são conhecidos como "casos de passarinhos", esclarece a especialista no assunto, Izabel Bareicha.

A partir do momento em que estão na rua, crianças e adolescentes ficam expostos a diversos tipos de risco e aliciamento por redes clandestinas, como a exploração por turismo sexual, pornografia infantil, prostituição infanto-juvenil, tráfico de drogas e tráfico de pessoas para fins sexuais. Diversos direitos são violados, deixando sequelas físicas e psicológicas. Os "casos de passarinhos" podem evoluir para os desaparecimentos enigmáticos.

Com o uso de drogas, Carol chegou a pesar 44 quilos, 20 a menos dos 64 habituais. As unhas ficaram pretas e o corpo guardava diversas marcas de queimadura de cigarro. "Eles são tratados como bicho, como restos", diz a mãe. Carol foi ameaçada de morte novamente. "Não tinha motivo", afirma Carol, "nesse meio eles matam por nada. Quando eles foram atrás mim, entrei em uma mata em Taguatinga, eles deram dois tiros para cima, mas eu consegui escapar", conta. Ela não informa quem são "eles".

Com apoio da irmã, Solange da Silva Neves, Rosineide conseguiu internar Carol na clínica



particular de recuperação para dependentes químicos, Centro de Recuperação Desafio Jovens Livres, em Itapuã, mesmo contra a vontade de Carol. " Fizemos tudo sozinhas. O governo nunca nos ajudou. Não tivemos apoio, orientação. É um abandono", Solange se indigna.

Na clínica de recuperação, Carol conheceu Rafael Cabrine Ricardo, com então 21 anos, em tratamento há oito meses. Eles se apaixonaram e decidiram namorar. Para isso tiveram de fugir da clínica. Foram localizados, mas fugiram novamente. Carol, que passou apenas dois meses na clínica, teve recaída. Rafael tentou ajudá-la. "Ele sempre voltava para me buscar. Eu não conseguia deixar as drogas", lembra Carol, com os olhos marejados de lágrimas. Os dois moraram na rua, próximo à rodoviária do Plano Piloto. Ela

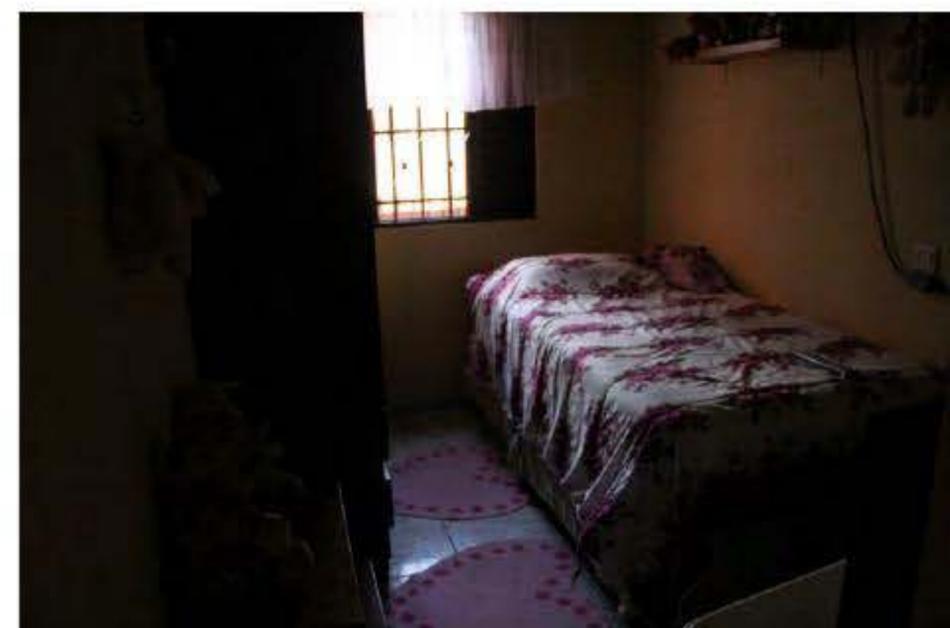
engravidou, e apenas no sexto mês de gravidez conseguiu deixar o vício e voltar para casa da mãe, junto de Rafael. "O amor dele, um filho e o apoio da minha família ajudaram a me achar, a me resgatar", diz Carol. Inicialmente ficaram na casa de Rosineide, mas logo Rafael começou a trabalhar e puderam alugar uma casa. Solange, tia de Carol, doou móveis e utensílios de casa. A vida se refez, para Irene, para Carol, para a família. "Deus ouviu minhas preces. Minhas noites de agonia acabaram e hoje minha família é feliz e completa novamente", comemora Rosineide.

Casos sem fim

Gercino às vezes fica de pé, no portão, como se esperasse a filha voltar. Aos poucos, vai se desfazendo de roupas e brinquedos de Michele. Começa a entender que, mesmo que a filha volte, aqueles objetos não serão compatíveis com sua idade. Gildene continua se perguntando onde está Beatriz, e quando ela retornará e explicará o motivo da ausência.

Sem políticas públicas adequadas e sem que o tema seja tratado com a devida relevância pelo Estado, milhares de Gercinos e Gildenes se espalham pelo Brasil, seguindo com as mesmas angústias, e mantendo nos exemplos de Josefás e Rosineides, a esperança do reencontro.

* Nomes fictícios



Causas do Desaparecimento

Segundo o relatório da CPI – Desaparecimento de Crianças e Adolescentes existem denúncias de casos de desaparecimento relacionados a **abuso sexual, tráfico de órgãos e adoções ilegais.**

O principal motivo de desaparecimento é a **fuga do lar**, e concentra-se entre os adolescentes.

No período de 2010 a 2012 foram registrados no DF **2.543** casos de desaparecimento de crianças e adolescentes, sendo que **227** permanecem sem solução.

Eles não sentem vontade de fazer sexo e garantem: tudo bem. Os assexuais percorrem caminhos de dúvidas e experiências até a autoaceitação, enquanto a ciência procura compreender essa escolha pouco comum

*não sou
afim*

Texto | Ingridy Peixoto
Fotos | Diana Landim e Johnatan Reis
Diagramação e arte | Yasmin Oliveira
Lettering | Dario Joffly

Foi só depois de ter se divorciado que Fellipe Suisso aceitou que não sentia prazer fazendo sexo. "São apenas movimentos automáticos que não causam nenhuma sensação a não ser o desconforto", descreve o rapaz de 26 anos, carioca morador de Recife. O casamento durou um ano e oito meses, período em que procurou urologistas e psicólogos para tentar resolver o desinteresse naquilo de que todos deveriam gostar. "Eu não podia imaginar que existisse uma pessoa que não gostasse de sexo, que eu não conseguiria... Eu deveria ter algum problema físico", lembra Fellipe. "Mas não era o caso. Eu funciono muito bem", ri.

Enquanto os médicos não encontravam nada de errado, psicólogos passavam exercícios para Fellipe praticar com a mulher. Nada adiantou. Ele continuou sem ver graça no sexo e a união teve o fim que parecia inevitável. "Foi exatamente por conta de relações sexuais frustrantes que meu casamento acabou."

Então Fellipe cogitou o impensável. "E se eu não gostar de sexo?" Por meio de uma pesquisa na internet, descobriu que não estava sozinho. Fellipe encontrou a palavra "assexual", termo para designar pessoas que, assim como ele, não se interessam por fazer sexo. "Nesse momento eu me tornei a pessoa mais feliz que conheço na minha vida. Vi que não era um problema psicológico, físico, funcional", conta o rapaz.

A história das pessoas que se identificam como "assexuais" ou "assexuados", com preferência da maioria pelo primeiro termo, costuma ser parecida. Na adolescência, começam a perceber que são diferentes. A atração sexual não chega e eles fogem das rodinhas de conversa que tratam do assunto. Então convivem com a falta de interesse sexual por anos até descobrirem que a assexualidade existe.

"O conceito é muito novo, surgiu no começo do século 21", explica a pedagoga Elisabete Oliveira, que investiga o processo de autoidentificação de assexuais na tese de doutorado que defende em 2014 na Universidade de São Paulo (USP). Além de manter um blog em que discute estudos realizados sobre assexualidade, ela é pesquisadora da ONG Ecos – Comunicação em Sexualidade. A instituição atua há 20 anos contra as discriminações de gênero e orientação sexual por meio da elaboração de pesquisas, material didático e capacitação de educadores.

Ao contrário do que alguns chegam a pensar, os assexuais podem ter relacionamentos românticos. "O fato de não se interessar por sexo não significa que não haja interesse amoroso. Uma pessoa assexual pode perfeitamente se apaixonar e formar relacionamentos com indivíduos do sexo oposto ou do mesmo sexo", ressalta Elisabete.

Daí a divisão entre assexuais românticos – aqueles que podem ter relacionamentos – e "arromânticos" ou não românticos, termos usados para designar aqueles

de não terem interesse em sexo, também não se apaixonam. O primeiro tipo também pode ser dividido entre "homorromântico", "heterorromântico" e "birromântico", nos casos em que se apaixonam por pessoas do mesmo sexo, do sexo oposto ou dos dois sexos, respectivamente.

A única coisa que os assexuais têm em comum é a ausência de atração sexual, o que dá discrição à assexualidade. Enquanto o relacionamento é público, a prática sexual é privada. Ao contrário dos homossexuais, que já tiveram práticas proibidas ou consideradas imorais, os assexuais passaram despercebidos ao longo da história. Josias Godoi, paulista de 30 anos, falante e caloroso, que vive em Curitiba, adora distribuir beijos e abraços. É comum que não acreditem nele quando diz que não tem interesse em fazer sexo.

Por conta da religiosidade, ele se manteve virgem até os 27 anos. Namorou uma moça da mesma igreja evangélica por dois anos e quase se casou. Já havia mais de mil convites impressos quando desistiu da ideia por não sentir vontade de fazer sexo com ela. A atitude foi tomada mesmo que ela tenha dito que poderia viver com ele sem sexo. "Negar fogo todo dia não ia dar certo", se lembra com bom humor.

Depois disso, Godoi se envolveu com um amigo e mais tarde se identificaria como assexual homorromântico. "Tinha vontade de abraçar, de beijar esse amigo, e falei para ele." Ainda assim, não tinha vontade de fazer sexo. "Gostei das carícias, do afeto que já tínhamos, mas foi pesando quando ele queria exigir contato sexual comigo", conta. "Era um terror. Eu gelava, ficava tenso, nervoso e travava." Assim como Fellipe, Godoi resolveu procurar ajuda. Tomou remédios para despertar a libido, mas mesmo assim não teve vontade de fazer sexo. Apenas se masturbava. A prática é apreciada por muitos assexuais sem que isso entre em conflito com a assexualidade. "Na masturbação não há atividade sexual com outra pessoa", explica Elisabete Oliveira.

A psicóloga de Godoi levantou a possibilidade de ele ser assexual. Porém, o jovem queria ser capaz de ter relações sexuais. "Eu insisti, porque me sentia vazio. Eu queria buscar algo no sexo, mas fui notando que sexo não me satisfazia", lembra. "Já fiz sexo com uma pessoa de que eu gostava, mas fiz forçadamente, só pra agradar, e aquilo ia me fazendo criar repulsa, porque eu queria amar sem que me cobrassem a parte sexual. Sinto, sim, necessidade de carinho, afeto e amor, mas não de sexo."

Os casos de Felipe e Godoi são comuns, segunda a pesquisadora Elisabete Oliveira. "Na tentativa de compreender sua diferença, muitos pensam que são doentes. Outros chegam a pensar que são gays e, inclusive, alguns tentam relacionar-se com o mesmo sexo para confirmar a orientação sexual." A confusão também chega a quem está ao redor do assexual. Felipe já foi tachado de "viado que tinha medo de dar" e a curitibana Luciana Mallon, de 38 anos, foi chamada de lésbica na escola durante a adolescência por conta da falta de namorados. Na época, recebeu das colegas uma cueca com a palavra "sapatão" escrita em esmalte vermelho. "Mas eu não gosto de mulher", eu pensava", lembra Luciana.

Bolo, bandeira e baralho

Símbolos para identificação da comunidade assexual

A organização norte-americana Aven usa um triângulo invertido com as gradações de sexualidade criadas por Alfred Kinsey, fundador do Instituto de Pesquisa sobre Sexo, em 1947, hoje chamado de Instituto Kinsey para Pesquisa sobre Sexo, Gênero e Reprodução da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos.

A carta Ás do baralho se tornou um símbolo por conta da aproximação da pronúncia da palavra em inglês (ace) e assexual (assexual).

Usar o anel preto no dedo do meio da mão direita também é considerado um símbolo da assexualidade.

O bolo é outro objeto que serve para representar a assexualidade. Eles preferem comer bolo.

A bandeira assexual tem quatro faixas horizontais, cada uma com uma cor diferente. A preta representa a assexualidade, enquanto a cinza é a marca dos chamados "gray a" e "demissexuais". A faixa branca simboliza a sexualidade e a roxa, a comunidade.

A equação $53x + m^2 = 0$: pode ser lida "sex + me = no result" (sexo + eu = sem resultado).

Tem mais algum assexual por aqui?

À procura de pessoas como ele na Universidade de Brasília, Cláudio usou a página do Spotted UnB no Facebook em que é possível publicar um recado de maneira anônima. Assim, ele encontrou algumas amigas, mas também recebeu questionamentos, conselhos e outros comentários.

Tão perto, tão longe

O tempo passou e os namorados apareceram. A vontade de fazer sexo não. Desde criança, Luciana não gosta de ser tocada. Mesmo beijos, abraços e apertos de mão a incomodam. Ela chegou a procurar uma psicóloga, mas não achou útil o que ouviu. "Ela mandou ir para a balada, beijar todo mundo. Eu acho nojento. Aquela saliva com bebida. Eu já acho nojento beijar normal, imagina em balada." Apenas em 2004, quando já tinha quase 30 anos, Luciana conheceu o termo "assexual" ao buscar informações na internet sobre adultos virgens. Ela já havia passado pelo primeiro namorado, em quem dava uns beijos, meio contrariada.

Os companheiros que vieram depois concordaram em ter um relacionamento sem muito contato físico. Em compensação, eram liberados para sair com outras mulheres. O último namoro era virtual, tipo de relacionamento que ela considera perfeito. Aos 38 anos, Luciana nunca fez sexo, mas não é assim com todos os assexuais. Na maioria das vezes, o sacrifício é para agradar o parceiro.

Assim como aconteceu com Godoi, o estudante brasileiro Cláudio, cujo nome verdadeiro ele pede para não ser revelado, chegou às "vias de fato" com a ex-namorada. "Foi interessante, mas não mais que um passeio de mãos dadas ou a boa leitura de um livro. Para mim, sexo é irrelevante num relacionamento", afirma. Ele pretendia continuar o namoro sem relações carnavais, mas ela não quis abrir mão. Já num outro relacionamento, desta vez com um rapaz, Cláudio não descartou a possibilidade de fazer sexo. "Estamos combinando de fazer um dia para ver o que rola."



O acor
experimen
"Num prir
chateado,
atraía meu
fui entendi
namorado.
excluído d
por compr
entender o
explica, l
contra hon
pedindo pi
não apareç
das difícil
ele garante
num relaci
Fazer sexo
uma altern
que diz nã
sexo casua
reconhece
com essa s

Depois
dar certo, l
garota que
relacionan
dos outros
diferença
pra nós do
assegura c
um par as
de estar n
são como
naturalme
quanto m
armário, r
vão se repi

A namc
grupo de a
18 anos. "A
meu ex-na
fazendo se
Depois de t
último dur
comecei a r
coisa. Não s
sentia cons
muito do m
moça, que
Preocupaç
desde que

Para es
todos os ci
reportagei
uma granc

Em fóruns, blogs e grupos em redes sociais, eles conseguem interagir com pessoas que se sentem da mesma maneira e encontram informações. Desabafos aliviados com a descoberta de semelhantes são comuns nesses espaços.

Quem, no Brasil, fizer pesquisas no Google relacionadas à falta de interesse sexual ou assexualidade provavelmente vai se deparar com o fórum A², comunidade assexual criada por um jovem assexual em 2009 e que reúne mais de 600 membros. Além de proporcionar um espaço para discussões, a página organiza encontros entre os usuários. Há também uma seção reservada para quem está procurando um parceiro, que também seja assexual, claro.

Alguns dados dão ideia do desafio de encontrar um assexual. Apesar de não haver levantamentos específicos para quantificá-los, pesquisadores trabalham com a ideia de que 1% da população não se interesse por sexo. Eles se baseiam em estudo feito pelo biólogo Alfred Kinsey, nas décadas de 1940 e 1950, nos EUA. Num levantamento que buscava conhecer o comportamento sexual dos norte-americanos, 1% dos entrevistados declarou nunca ter sentido desejo sexual por ninguém. Outro estudo realizado no Reino Unido na década de 1990 chegou ao mesmo percentual. No Brasil, uma pesquisa do Datafolha de 2010 entrevistou 1.888 pessoas e 7% declararam não ter nenhum tipo de interesse em sexo.

**Assexual
é nome novo
pra virgem**
Nem todo assexual é virgem.

**Que tal um
mosteiro ou
um convento**

Dita de outra forma: o assexual é um celibatário? Não. O celibato é diferente, porque é considerado uma escolha. Os religiosos podem sentir desejo sexual, mas decidem não praticá-lo. Luciana conta que já falaram para ela virar freira. "Mas eu não tenho muita vocação, porque eu sou nervosa. Para ser freira tem que ser calma, né? E tem aquela parte do voto de pobreza. Eu não consigo ficar sem dinheiro. Fica meio difícil pra mim."



Pipoca de cinema

A trajetória da estudante brasileira Camilla Lima até a identificação como assexual foi mais curta e menos dolorosa. Quando teve a oportunidade de fazer sexo pela primeira vez, ela nem se interessou nem viu um problema nisso. "Eu não consegui e também não travei. Apenas fiquei parada. Achava desnecessário, não fazia sentido na minha cabeça." Com a ajuda da internet, a jovem tomou conhecimento da assexualidade.

Ela nunca pensou que estivesse doente ou tentou se adaptar. Até pouco tempo, Camilla nem via necessidade de contar para as pessoas que era assexual por considerar apenas uma pequena característica de personalidade. "Pra mim era uma coisa qualquer, tipo o fato de que eu gosto de pipoca de cinema. Eu não preciso sair contando pra todo mundo que eu adoro pipoca de cinema."

Essa visão não é unânime entre os assexuais. Muitos pensam que a assexualidade deveria ser considerada uma orientação sexual, tão respeitada quanto as outras. "Às vezes, quando você se assume como gay, é até mais bem aceito, porque a pessoa tem uma consciência geral sobre o que é", desabafa Cláudio. Por conta disso, alguns assexuais defendem uma união com o movimento LGBT para aumentar o conhecimento sobre a assexualidade.

O presidente da maior rede do maior rede LGBT do Brasil, a

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), Carlos Magno Fonseca, confessa que não sabe muito sobre assexualidade. "Eu já vi algo na internet, mas não conheço ninguém que se considere assexual. Pelo contrário, conheço muita gente que adora sexo", brinca. "A gente luta por direitos. É um movimento político, de intervenção na sociedade. Essas pessoas precisam aparecer como movimento social e apontar sua perspectiva", completa dizendo que não tem contato com nenhuma organização de assexuais e não conhece as demandas políticas dos assexuais.

Nos Estados Unidos, os assexuais têm mais visibilidade graças a uma organização chamada The Asexual Visibility and Education Network (Aven), que reúne mais de 45 mil membros de diferentes partes do mundo cadastrados no site criado em 2002, quando tinha 40 participantes, segundo dados da própria organização. O criador da página, David Jay, já participou de vários programas americanos de grande audiência falando sobre assexualidade. Na versão mais recente do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria, a falta de interesse em sexo é considerada um distúrbio apenas quando a condição cause sofrimento para o indivíduo. A observação é considerada um

avanco para a Aven, que luta para acabar com a ideia de que o assexual é doente.

Além do espaço para discussões e encontros, a organização divulga informações sobre a assexualidade. Lá, é possível encontrar diferentes níveis de assexualidade. O assexual que não sente vontade alguma de fazer sexo divide espaço com os "gray a", que podem sentir atração sexual mas muito esporadicamente, e os "demissexuais", aqueles que só têm atração sexual por uma pessoa pela qual tenham um sentimento muito forte.

"Não podemos dizer que a assexualidade é uma patologia, mas a falta de interesse por sexo pode ser causada por problemas como hipotireoidismo, depressões sérias e traumas, por exemplo", explica a sexóloga Ana Maria Zampieri, psicóloga clínica, pós-graduada em Terapia Sexual e a autora do livro *Erotismo, sexualidade, casamento e infidelidade*. "Não temos pesquisas suficientes para afirmar que a assexualidade é orientação sexual", alerta a especialista. A sexóloga conta que pessoas sem desejo sexual sempre estiveram presentes nos consultórios. "A incrementação das redes sociais fez com que os assexuais começassem a aparecer como grupo." Ela afirma, contudo, que a maioria dos que a procuraram pensando ser assexuais na verdade não eram.

Texto | Lucas Vidigal
Fotos | Mariana Oliveira
Diagramação e arte | Camila Menezes

São Paulo

que parou no tempo

Fora da mancha urbana da capital paulista, Marsilac é um pedaço de cidade do interior dentro do município que abriga uma das maiores metrópoles do mundo





É uma pequena vila encravada no que resta de Mata Atlântica. Moradores se conhecem todos pelo primeiro nome. Policiais sabem da rotina de cada um dos habitantes e criam laços afetivos com eles. No mercadinho, o comerciante serve café quentinho no intenso frio de julho. O silêncio da floresta convive com o irritante barulho do trem. Celular, só com muita sorte para conseguir pegar o sinal. Internet, nem pensar.

Rotina normal de qualquer cidade do interior do Brasil. Só que Marsilac não é uma cidade do interior. Com 2,8 mil habitantes, é um bairro de São Paulo, maior metrópole do Brasil, onde moram mais de 11 milhões de pessoas, segundo dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Fica no extremo sul do município, a 40 quilômetros do centro da capital paulista. Com essa distância, Marsilac está mais perto do Oceano Atlântico do que da selva de pedra. A praia de Mongaguá, um dos principais destinos de veraneio do paulistano, fica a 22 km da pequena vila.

Esqueça, portanto, o que você conhece por São Paulo. Esqueça os arranha-céus da Avenida Paulista, o trânsito caótico e o formigueiro humano da Rua 25 de Março. Para entender Marsilac, esqueça, também, os restaurantes e a vida noturna agitada da Rua Augusta.

Marsilac é tão diferente do resto da cidade de São Paulo que os próprios moradores reconhecem a realidade completamente distante. "De infraestrutura, falta tudo",

reclama Mitsuyoshi Osako, 54 anos. Dono de um mercadinho bem na entrada do bairro, ele é uma das figuras mais conhecidas pelos moradores e sabe dos problemas da vila. "Ninguém se lembra da gente. Celular e internet já não pegam. Quando cai um raio, ficamos também sem telefone fixo e isolados do resto do mundo", conta.

Apesar do isolamento, Mitsuyoshi escolheu viver na região. Era dono de uma pequena mercearia ao lado de um dos mercadinhos de Marsilac. "Quando o proprietário do mercado foi embora, juntei minha loja com a dele e formei uma coisa só. Então, decidi me instalar de vez aqui", relata. A vinda definitiva de Mitsuyoshi à vila é recente: junho de 2012. Mesmo assim, todos que passam pela frente da loja o conhecem bem e o cumprimentam. "Aqui a gente sofre com o esquecimento, mas é um lugar ótimo para se viver. É tudo bem tranquilo", afirma.

A tão falada tranquilidade de Marsilac contrasta com os indicadores sociais do local. O índice de desenvolvimento urbano do bairro (IDH) é de 0,71: o menor entre todos os 96 distritos da capital paulista. O luxuoso bairro do Morumbi, que também abriga a violenta e pobre favela de Paraisópolis, tem IDH típico de país europeu: 0,938. O número é calculado com base no acesso à educação e saúde, na expectativa de renda e no produto interno bruto (PIB) per capita. Quanto mais perto de 1, melhor o índice do local.

Aquecidos por cães e humanos

Se IDH contasse também calor humano, seria um bairro muito mais prestigiado nos índices. Durante a manhã, o mercado de Mitsuyoshi Osako fica cheio de gente para tomar um café. Marsilac faz mais frio que no restante de São Paulo por estar longe da inversão térmica causada pela poluição e também por ficar bem no alto da Serra do Mar. Dizem os moradores que, se faz 15 graus no centro, faz dez em Marsilac.

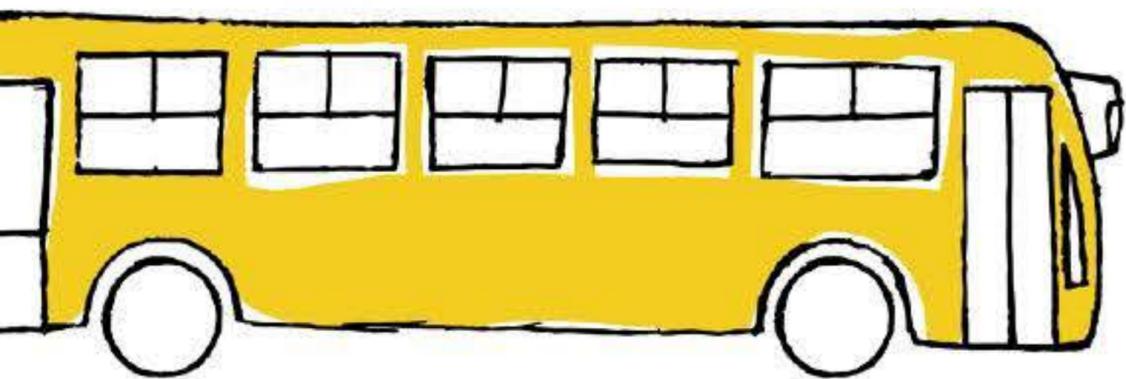
Dias de sol também são raridade. Marsilac atrai grande volume de chuvas também por causa da Serra do Mar. São as chamadas chuvas orográficas, causadas pela chegada dos ventos úmidos que saem do mar e encontram a barreira natural que é a elevação.

Coincidência ou não, os moradores de Marsilac tentam ser solidários e parceiros entre si. Conhecer bem uns aos outros faz parte da rotina do bairro. Até os cachorros, que não são poucos, visitam o mercadinho. Quando ficam quietos do lado de fora, ganham comida. Quando tentam entrar e roubar alguma coisa, "xôôô", grita Mitsuyoshi. "Todos eles têm dono, mas passam o dia na rua. São bem amigos e se protegem. À noite, cada um volta para casa", explica o comerciante.

Os cães, inclusive, são grandes amigos de Benivaldo Assunção, o Bob. "Eles ficam comigo sempre", conta. Bob não sabe ao certo a idade e foi morar nas ruas de Marsilac para fugir da muvuca das avenidas movimentadas e perigosas dos bairros urbanos de São Paulo. "Sou bem tratado aqui", diz.

Moradores de Marsilac se solidarizam com a vida de Bob. Todos os dias, Mitsuyoshi alimenta o morador de rua. "Ele não bebe nem faz algazarra. Também não se envolveu com drogas. Conquistou nossa confiança", conta o comerciante. Ele relembra que a família até foi a Marsilac tentar resgatá-lo, mas ele preferiu ficar. "A gente não sabe o porquê", diz Mitsuyoshi. Nem Bob sabe direito. "Prefiro aqui", é tudo o que diz.





Dormitório da metrópole

A maioria dos habitantes de Marsilac trabalha em bairros menos isolados da zona sul de São Paulo, como Interlagos e Santo Amaro. Para lá, os moradores levam de uma a duas horas de ônibus, dependendo de como está o caótico trânsito da capital paulista.

Aliás, o transporte público é uma das poucas partes da infraestrutura urbana que não são alvo frequente de reclamações no bairro. De meia em meia hora, há ônibus por ali. "Estamos no fim da linha. Ou no começo, dependendo do ponto de vista. Então, sempre vai ter ônibus", afirma o motorista Roberto Carvalho, 52 anos. Ele é um dos condutores da linha que segue da parada de ônibus principal de Marsilac até o terminal de Varginha, a 25 quilômetros de estrada asfaltada. A rotina de cidade de interior leva Roberto a conhecer todos os passageiros que descem — ou sobem — no ponto mais longe de São Paulo. "Todo mundo que vem tem que voltar. Se falta alguém no ônibus de volta, a gente estranha e pensa no que pode ter acontecido."

Vânia Maria dos Santos, 37 anos, é diarista em São Caetano do Sul, município a 35 quilômetros de Marsilac, e sai todos os dias às 10h. "Demora, mas não costumo ter problemas para chegar", diz. Vânia não utiliza o transporte público somente para trabalhar. "Gosto de ir passear no centro para conhecer e fazer compras. Aqui não tem muito que fazer, né?", comenta.

Lazer, inclusive, é quase zero em Marsilac. Com 19 anos, idade em que os jovens paulistanos estão ávidos pelos incontáveis bares e boates espalhados por São Paulo, Leidiane da Silva tem uma rotina bastante pacata. Prefere passar o tempo lendo revistas,

o que faz com frequência na longa viagem de duas horas até Cidade Dutra, zona sul paulistana, onde trabalha como operadora de caixa. "No máximo, gosto de ir até a cidade para passear nos shoppings com minha família", conta. Leidiane não pensa em namorar por agora, mas reconhece que existe paquera em Marsilac. "É pouca coisa, ninguém aqui pensa muito nisso", explica.

Para não dizer que não há absolutamente nada o que fazer em Marsilac, há o futebol aos domingos. Andrey Klein, 18 anos, joga como lateral direito no Clube Atlético Marsilac, time de várzea da vila. Corintiano fanático, ele faz curso técnico em informática em uma faculdade do bairro de Santo Amaro e também prefere a tranquilidade à agitação das boates. "Nasci e fui criado aqui em Marsilac. Então, gosto de conhecer todo mundo e passar o tempo conversando com a vizinhança."

O campo de futebol onde Andrey joga é, inclusive, um dos poucos locais no bairro em que é possível ter sinal de celular. Mesmo assim, só de duas operadoras. Dali dá para ver a torre de telefonia móvel incapaz de tirar Marsilac do isolamento telefônico. Além do campinho, de uma pequena soleira em uma casa abandonada na rua principal da vila também é possível fazer ligações. Curiosamente, é só descer o degrau para se perder o contato.

Encurtar distâncias

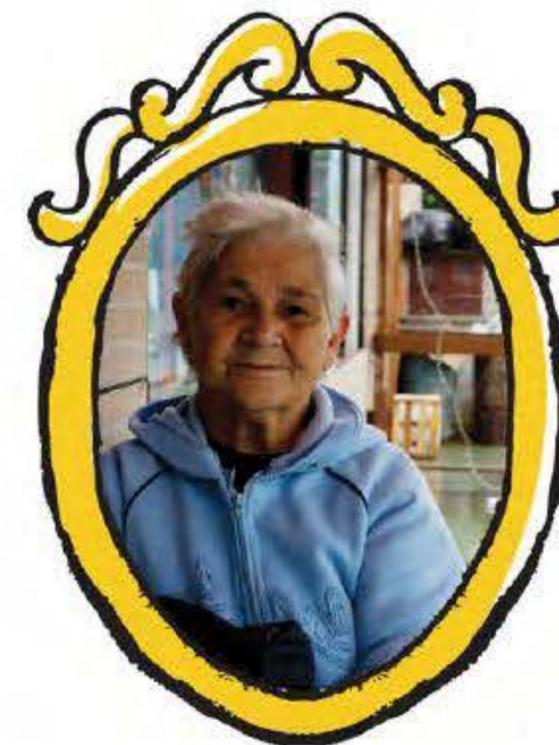
Nem todos, porém, têm pretensões de continuar a vida em Marsilac. Aos 76 anos, Antônia Santana Mendes passa pelo mercado de Mitsuyoshi para tomar o café da manhã antes de ir ao bairro para encontrar a filha e procurar um novo lar. "No bairro, tenho o sossego. Mas é caro precisar sair daqui para comprar minhas coisas", justifica.

Antônia chegou a Marsilac em 2001 depois de o marido, Benedito, começar a apresentar problemas psiquiátricos. A dona de casa preferiu ficar com a filha no pequeno bairro enquanto Benedito ficou com o filho na antiga casa de estrutura precária no Jardim Manacá. "Tenho medo de chamar a prefeitura para cuidar e eles tomarem meu lote", conta.

Por isso, Antônia se mantém em Marsilac até encontrar um novo lugar para morar. Mesmo com a idade avançada, visível no rosto cheio de rugas e na voz fraca, ela não para. Sem dramas e com bom humor, anda e sobe as ladeiras do bairro enquanto o ônibus não chega. E também não descansa até achar um cantinho em São Paulo. "Se for ficar na capital, prefiro a zona norte, onde moram meus irmãos. Mas eu tenho vontade mesmo é de morar em Campinas ou em Valinhos, mais perto das minhas outras filhas."

Quem também espera o ônibus para a parte urbana de São Paulo é a dona de casa Maria Sônia Alves. Ela precisa ir até um dos hospitais mais movimentados da cidade, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, no centro, para tentar uma consulta para a filha Paloma, 16 anos, deficiente visual. "É complicado, porque aqui não tem estrutura nenhuma para cuidar tanto da parte física como da parte psicológica dela", reclama.

Só há um posto de saúde em Marsilac. Lá, dois médicos se revezam, além de técnicos e auxiliares de enfermagem. "Só conseguem atender pequenos casos. Para situações complicadas como a da Paloma, eu preciso pegar vários ônibus até chegar no centro com muito trânsito", comenta Maria Sônia.



Antônia Mendes vive no sossego de Marsilac, mas ainda sonha com uma casa no centro de São Paulo.

O guia de turismo Erley Coradi mostra o verde de São Paulo em Marsilac.



Gigante pela própria natureza

O bairro de Marsilac está dentro do distrito que leva o mesmo nome. Com 200 km², é o maior do município de São Paulo — e também o menos populoso: apenas 8.258 moradores. Isso significa que somente 0,07% de toda a população da capital paulista vive no local. Nem todos moram na pequena vila, que tem por volta de 2,8 mil habitantes. O resto mora em sítios ou em outros pequenos bairros mais próximos a Parelheiros, como Embura.

Parelheiros é, inclusive, o último resquício de zona urbana na parte sul do município paulistano. O local dá nome à subprefeitura que compreende a parte rural da cidade de São Paulo, inclusive Marsilac. Ao olhar a imagem de satélite, a enorme área de Parelheiros é um grande espaço verde, que contrasta com o cinza da selva de pedra de toda a região metropolitana paulista.

"O próprio paulistano desconhece a região", comenta Erley Coradi. Ele é guia de turismo das áreas de proteção ambiental Capivari-Monos e Bororé-Colônia, todas na subprefeitura de Parelheiros. Erley vive em um pequeno sítio bem depois das últimas ruas urbanas, mas ainda antes de Marsilac.

Como no resto da região, a casa de Erley é repleta de altas árvores típicas da Mata Atlântica. "Aqui era para ser um grande cinturão verde da cidade de São Paulo. A cidade precisa disso para respirar", afirma. Leis municipais e estaduais protegem a região e houve tentativas por parte dos governos de fomentar o turismo e a preservação da área de floresta.

"O governo chegou até a oferecer 60% de bolsa em faculdades daqui perto para quem fosse estudar turismo. Mas a adesão foi pequena e o projeto não avançou muito", conta.

Não dá para dizer que o monte de mato no extremo sul do município paulistano não tem potencial turístico. Além de cachoeiras boas para banho e prática de esportes radicais, Marsilac tem história. Cafeicultores precisavam escoar sacas de café produzido no interior do Brasil para o porto de Santos e a Estrada de Ferro Sorocabana, companhia principal concorrente da São Paulo Railway, construiu um ramal da linha de trem para levar o produto.

O ramal Mairinque-Santos foi inaugurado em 1935. Um dos acampamentos dos trabalhadores da obra virou vila e depois, bairro. O nome é em homenagem ao

engenheiro José Alfredo Marsilac, responsável pela construção de estradas no estado de São Paulo na década de 1930. Curiosamente, o engenheiro continuou em atividade ao perder 99% da visão por ser atingido por uma bomba durante a revolução de 1932.

Há até mesmo uma cratera de um meteorito que caiu na região. Fica próximo a Colônia, um dos bairros da subprefeitura de Parelheiros. De tão grande, quem passa desavisado pela área acha que se trata apenas de mais um acidente geográfico da Serra do Mar.

Colônia, inclusive, recebe tal nome por ter sido o primeiro local a receber imigrantes alemães em todo o estado de São Paulo, ainda nos tempos do Brasil Império. Porém, sem fomento, a cultura alemã sumiu do bairro e, hoje, há apenas pequenas casas com fachadas que lembram a Alemanha e um cemitério protestante.

Com o turismo pouco incentivado, os bairros da subprefeitura de Parelheiros vivem da cultura de hortifrúti e de flores. "Parece mentira, mas dá para encontrar no supermercado da capital paulista hortaliças produzidas lá mesmo, em um lugar pouquíssimo conhecido", diz Erley.

De tão distante do restante de São Paulo, tanto em quilômetros quanto em indicadores e estilo de vida, ainda corre pela boca da população a ideia de emancipação. "Não é nada muito forte, mas os moradores falam nisso, sim", comenta Erley, que acredita que, como município, a região poderia ter bem mais dinheiro com o fundo nacional repassado às cidades emancipadas.

Porém, sem grandes movimentações, é bem difícil que Marsilac um dia tenha um prefeito próprio. "Por enquanto, ainda vamos precisar ver político só falando em Marsilac em época de eleição", diz Erley.

A parte boa de não haver holofotes é que Marsilac continua ali, discreta, encravada no meio da Mata Atlântica. Sem hospital, mas também sem trânsito. Sem internet, mas também sem barulho. É ainda um resquício de vida do interior dentro de uma das maiores cidades do mundo. Um lugar onde pessoas — e cães — se conhecem sempre pelo nome e conversam na calçada.





Educação pela música

Aos 91 anos, o maestro Levino de Alcântara, fundador da tradicional Escola de Música de Brasília, tem uma vida inteira doada a ensinar e o desejo de fazer ainda mais. Sonhador incansável, com disposição e fôlego como poucos, hoje está à frente de outra escola de música, desta vez em Conceição do Araguaia, Pará.

Texto | Monique Rodrigues
Fotos | Julia Rangel
Diagramação | Mariana Pedroza

“Entendeu?”, a palavra é quase um ponto final para as frases de Levino Ferreira de Alcântara, maestro que fundou a Escola de Música de Brasília (EMB). Hoje com 91 anos, feição tranquila, andar calmo mas firme e com todos os cabelos que lhe restam brancos — a maioria caiu depois que começou sessões de quimioterapia —, Levino continua com memória excelente e conta os episódios que viveu com muito entusiasmo. Ele não se importa em repetir histórias sempre que alguém lhe pergunta, mas, naturalmente, datas e algumas informações se confundem na cabeça.

Nascido em Recife (PE), cidade de origem de uma das manifestações populares mais tradicionais do Brasil — o frevo —, em 1922, ano da famosa Semana de Arte Moderna, as raízes do maestro estão realmente marcadas pela efervescência cultural. Ele também tem personalidade que, de certo modo, ferve

Fundou a EMB em 1963 a partir do trabalho como professor de música e maestro que já desenvolvia na capital, e se manteve como diretor por 22 anos ininterruptos — cargo que só deixou com a aposentadoria do serviço público e com a chegada da Nova República, em 1985. Na época, era adorado por muitos, mas questionado por outros pela postura centralizadora e gestão paternalista. Hoje, ninguém diminui a importância de Levino para consolidar a tradição do lugar.

O atual diretor da EMB, Ataíde de Mattos, foi um dos professores que entrou na escola por indicação e incentivo de Levino, durante sua gestão. Para ele, a postura do maestro cabia à época: “Ele tem uma personalidade muito forte, é um líder nato, pioneiro nato, então a administração tinha um lado da personalidade dele muito marcante. Havia menos limites, ele podia escolher pessoas e as escolheu mesmo”.

Em busca de um lugar onde pudesse ter uma vida mais tranquila, perto da natureza, Levino se mudou, ainda em 1985, para uma fazenda que havia comprado em Rio Maria, pequeno município no sul do Pará. Mas a procura por descanso se converteu em mais trabalho. Ele acabou fundando outra escola de música em Conceição do Araguaia, cidade na mesma região, e lá ainda trabalha.

Hoje, Levino dá aulas na escola, que conta com cerca de cem alunos frequentes — outros aparecem de vez em quando —,

organiza atividades no município e dirige por mais de 200 quilômetros uma caminhonete Chevrolet S10 quase todos os finais de semana, quando vai para a fazenda em Rio Maria. Ele também faz viagens frequentes a Brasília para enfrentar o duro tratamento contra câncer de pulmão — doença que descobriu em fevereiro de 2013.

Antes de começar as sessões de quimioterapia, Levino aparentava ser mais novo e esbanjava ainda mais vitalidade; muita gente ficava de queixo caído quando confirmava quantos anos tinha. Sempre muito simpático e prestativo, com um sorriso no rosto e com o discurso de que seu principal objetivo na vida é ensinar música às crianças, deixa qualquer um intrigado com tamanha boa vontade.

Braço direito

“Jerusa, minha memória, venha cá.” O maestro interrompe a entrevista para pedir ajuda à assistente, sobre um nome de que não se lembrava, e ela prontamente se dirige à sala. A moça pele morena, cabelos alisados, levemente tingidos, e jeito simples, tem 46 anos, não é casada, tampouco tem filhos. Há quase duas décadas se dedica inteiramente ao mestre, tanto nas atividades cotidianas quanto no trabalho com a Escola Municipal de Música. De certa forma, ela foi adotada por Levino como filha e também o adotou como pai, mesmo sem haver uma relação formalmente estabelecida.

Nascida e criada em Conceição do Araguaia, Jerusa Campos Miranda conheceu o maestro em 1989, quando ele começou os abalhos com educação musical na cidade. Ela, na época com 22 anos e funcionária de

um cartório, gostou da ideia de aprender música e encarou as aulas de clarineta

Jerusa teve uma infância difícil, os pais faleceram quando ela ainda era criança e foi criada por uma senhora que, apesar de não ter parentesco, prontamente a acolheu. Sabendo das dificuldades da moça, o maestro a incentivou a mudar-se para Brasília para que ela estudasse fagote na EMB — instrumento que, segundo ele, poderia dar novas oportunidades a ela. Depois de três anos, ela decidiu voltar à cidade natal para

ajudar na pequena escola. Lá, dá aulas e auxilia com questões administrativas.

Hoje, a esposa e uma das filhas do maestro (ele tem mais uma filha que vive em Brasília, fruto de outro relacionamento) também moram no sul do Pará, mas no município de Rio Maria. Por isso — e de certa forma para retribuir o carinho da família Alcântara com ela —, é Jerusa quem cuida de Levino e o acompanha em todas as atividades. Sobre o maestro, ela declara: “Como pessoa, eu não conheço outra igual. Ele se sacrifica, vive para o outro, não para ele”.



Jerusa Miranda, memória e principal assistente de Levino

Desentendimentos

Levino é muito impulsivo e do tipo que age rápido — às vezes até antes de pensar bem sobre o assunto. Descobriu a região paraense quando foi avisado de que uma funcionária da EMB não parava de chorar pelos corredores. Ele então resolveu perguntar qual era o motivo da choradeira. “Ela me contou que tinha arranjado esse emprego, mas que o marido tinha ido trabalhar no sul do Pará. Eu falei que quando ele viesse a Brasília era para me chamar porque eu queria conhecer esse lugar.”

Como combinado, Levino viajou à região. Ele conta que depois de passarem por um trajeto difícil de estrada de chão, com muita lama, entraram na mata e ele logo ouviu o canto do pássaro conhecido como peito de aço. Se encantou. “Quando o pássaro cantou, fiquei louco. E disse que gostaria muito de comprar um pedaço de terra ali.” Dito e feito.

O maestro se aposentou e mudou de Brasília de vez porque estava ressentido com situações pelas quais havia passado ao longo da gestão da EMB. Com o fim do regime militar — que ele relata não ter trazido problemas para a escola — e a chegada da Nova República, ele foi retirado da direção. Na verdade, essa é uma das poucas coisas que realmente o deixam ressentido. Isso e o desentendimento com Claudio Santoro — maestro que dá nome ao Teatro Nacional de Brasília.

Para a cerimônia de inauguração do teatro, a orquestra da Escola de Música foi convidada. Levino passou a regência para o amigo Claudio Santoro, que tinha chegado havia pouco tempo à capital. Semanas depois do concerto, Levino chegou à EMB e percebeu que os músicos que haviam tocado não estavam no local. “Ele convocou todo mundo sem me dizer uma palavra, sem autorização de ninguém”, explica o maestro, que, apesar de dizer que não guarda ressentimento, ainda se refere ao episódio com ar de chateação. E completa: “Não precisava disso”.

Nessa época, os dois já haviam conversado sobre uma possível estrutura para a orquestra. O que realmente o incomodou foi o fato de sua proposta ter sido ignorada: “Eu tinha sugerido uma coisa extraordinária para ele, fazer concursos de quatro em quatro meses até ter o número suficiente de pessoas para a orquestra, para que fosse de alto nível”.

Esse episódio se juntou ao desligamento repentino da direção da EMB, alguns anos depois. Os governantes da Nova República queriam se desfazer de tudo o que lembrasse a ditadura, e, como o maestro tinha uma relação amigável com o governo militar — ele afirma que não gostava de se envolver em questões políticas, mas que os militares sempre o apoiaram no trabalho —, foi logo tirado do posto, sem muito tempo para explicações. Foi a gota d’água.

Mais uma escola

“Ela leva muito jeito, mas só quer saber de passear”, conta Levino sobre uma das alunas que acabara de sair da sala, antes de começar a entrevista com a reportagem da **Campus Repórter**. Sempre que uma das crianças passava para dar tchau, ele interrompia a conversa para dar atenção a ela. “Eu não ouvi você pegar no violino. Por quê?”, questionou uma delas. “Aproveite seu conhecimento e ponha em prática, você é um menino bacana. Faça tudo para o seu pai ter orgulho de você. Estude mais”, disse a outro.

Ao mesmo tempo que cobra bastante dos alunos, deixa que escolham que caminho seguir. Ele se preocupa com cada um, quer que as crianças tenham um futuro melhor e acredita que alcançarão isso por meio da música.

“A minha preocupação é a criança, ou nós salvamos esse país com a criança ou não salvamos”, afirma com firmeza. Jerusa destaca que a importância da escola para a cidade é muito grande. Crianças e jovens, que não têm muitas opções de lazer, encontram ali não só um lugar para diversão, mas também oportunidade profissional.

Quando Levino comprou a fazenda, Rio Maria fazia parte de Conceição do Araguaia — a emancipação político-administrativa aconteceu em 1982. Hoje, a população do novo município não chega a 20 mil habitantes, segundo o IBGE. Já em Conceição, a estimativa é de pouco mais do dobro, cerca de 45 mil moradores.

Ele afirma que sua intenção é acordar as crianças “porque aqui o povo é meio acomodado”, justifica. De fato, Conceição do Araguaia tem um ar parado, típico de interior. Parece que, por ser muito quente, as pessoas não caminham muito pela rua e o que mais se vê são as motos circulando nas vias (asfaltadas, mas sempre cheias de terra seca e areia). Apesar do centro do município ser pequeno, o calor também dá a sensação de que tudo está mais longe do que realmente é.

A Escola de Música tem uma sede simples, localizada em terreno da prefeitura, ao lado de outros órgãos municipais. Conta hoje com poucos recursos e só sobrevive pela vontade e determinação do maestro, de Jerusa e dos que se apaixonam pelo projeto.

Os instrumentos — a grande maioria do próprio maestro — são guardados em uma sala sem a climatização necessária, apesar dos cuidados para mantê-los em bom estado. Há apenas um piano, que fica na única sala com ar-condicionado, já que o instrumento exige temperatura mais amena. Ele é pouco utilizado porque o calor faz com que desafine com frequência e não é fácil — muito menos barato — deslocar um afinador até a cidade.

Apesar de a escola ser pública, vinculada à Secretaria de Cultura do município, nenhum funcionário é concursado. Ou seja, a contratação depende da boa vontade de cada prefeito. Sempre que há nova eleição, a insegurança toma conta.



Em Conceição do Araguaia, os jovens alunos de Levino se concentram para aprender as lições de violino.

Jovem maestro

Atualmente, fazem parte do quadro oficial de funcionários: Levino, Jerusa e Luiza, a responsável pela limpeza. Robervânia Sá, professora da Secretaria de Educação do município, também ajuda; ela, encantada com o trabalho, conseguiu ser parcialmente cedida. Há ainda outra funcionária que não teve o contrato renovado pela prefeitura na última troca de gestão, mas continua ajudando na escola e o maestro tira dinheiro do próprio bolso para repassar a ela. Eles são responsáveis por todas as atividades da escola.

Sempre que abre o período de matrículas, chegam cerca de 200 a 300 nomes novos, mas os alunos vão desistindo e, ao longo do semestre, aproximadamente cem permanecem. Jerusa dá as aulas de iniciação aos instrumentos e Levino trabalha com os alunos mais avançados.

Apesar de não tocar muito no assunto, Levino sabe que a idade avançada e os problemas de saúde trarão cada vez mais dificuldades para o trabalho. As viagens a Brasília para o tratamento são prova de que a escola ainda depende muito dele e de Jerusa e precisa encontrar força própria para funcionar. "Os meninos mais adiantados também ajudam com os menores. Se não fosse assim, a escola fecharia", admite a moça. O sonho do maestro é que outros ex-alunos façam como Jerusa e voltem para dar continuidade à escola.

“A minha preocupação é a criança, ou nós salvamos esse país com a criança ou não salvamos”

Brincalhão, Levino não esconde o talento e se mostra muito orgulhoso de tudo o que conquistou. "Desde pequeno eu tinha uma orquestra para meninos, inclusive, eu não podia entrar na igreja que o padre já me chamava para dirigir os sinos."

O contato com instrumentos aconteceu em casa. O pai, professor de música, ensinava à esposa, que depois repassava os conhecimentos aos filhos. Ele também ia a ensaios com a mãe, que tocava flauta na igreja. Essas experiências se juntaram a uma pitada de autodidatismo e Levino, ainda menino, aprendeu a tocar diversos instrumentos e a lidar com a linguagem musical. Dos cinco irmãos, apenas ele seguiu carreira com música.

Coincidentemente, assim como o grande mestre Heitor Villa-Lobos, Levino fugiu de casa em busca de liberdade. Com a independência ainda quando adolescente, dá para saber que Levino percebeu muito cedo que tinha vocação para ser maestro e para estar à frente de projetos. Pelos vários estados por onde passou, fundou orquestras e corais — muitos de mil vozes.

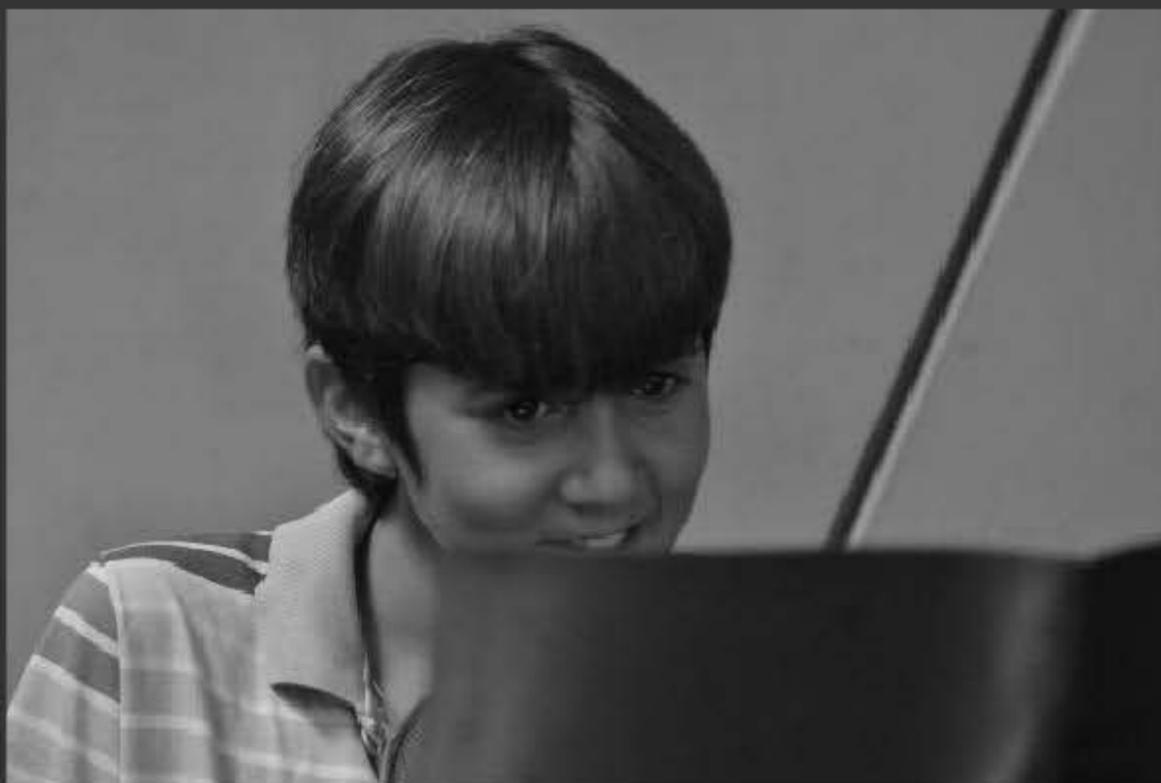
A grande mudança na vida de Levino aconteceu quando tinha 28 anos, já havia voltado a Recife e dirigia uma orquestra sinfônica universitária criada por ele. Eleazar de Carvalho — importante maestro e fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira (RJ) — assistiu a uma das apresentações do grupo de estudantes e logo convidou o jovem regente a estudar no Rio de Janeiro, que prontamente aceitou o convite. Foram anos de estudos com músicos de prestígio, entre eles Villa-Lobos.

Já bem estabelecido, surgiu a proposta de que Levino fosse desbravar também as terras da nova capital da República, na época ainda em construção, com um grupo de coral para divertir os trabalhadores. Ele então abraçou a ideia e partiu para o Centro-Oeste. Primeiro destino: Anápolis (GO), para ensaiar os cantores. Depois seguiu para apresentação no Núcleo Bandeirante (DF).

Com diversos convites para continuar na região — um deles, do advogado e entusiasta da música Joaquim Francisco de Mattos, pai de Ataíde de Mattos —, Levino decidiu permanecer no município goiano e ali também criou uma escola de música voltada ao povo.



Infatigável no ensino de música, Levino de Alcântara acumulou desafetos e admiradores ao longo da vida: em nome da arte e da educação



Ensaio do Hino Nacional, tocado no violino, por Gustavo Costa, que há dois anos aprende música na Escola Municipal

Primeiro filho brasiliense

Levino sempre repete que a pessoa que trabalha só para ter dinheiro é infeliz. Ele mesmo se desafia o tempo todo quando o assunto é buscar estabilidade financeira e de trabalho. Apesar de ter a segurança do prestígio e o reconhecimento dos profissionais da música, já encarou muitos projetos diferentes e trocou várias vezes de posto, nunca com o objetivo de alcançar um retorno financeiro muito grande, mas de encontrar o que o completasse.

A mudança definitiva para Brasília aconteceu quando passou em um concurso para professor da Fundação Educacional do DF. Ele escolheu dar aulas na cidade-satélite de Taguatinga e ali criou um dos projetos mais prósperos, o coral Madrigal de Brasília.

Inicialmente pensado para a antiga Rádio Educadora de Brasília — dirigida na época pelo jornalista Esaú de Carvalho, irmão do maestro Eleazar —, o Madrigal é sempre lembrado por Levino com muito carinho. A partir do trabalho com o grupo, a EMB foi criada. Todos os coralistas são professores da escola, condição, inclusive, obrigatória.

Em 2013, o Madrigal completou 50 anos com um histórico invejável e diversos prêmios conquistados. O maestro Éder Camúzis, à frente do grupo desde 1999, reforça que eles sempre buscam lembrar dos conselhos de Levino e da missão que ele deixou: "Viajem pelo mundo inteiro, mas nunca se esqueçam da parte educacional, nunca se esqueçam das crianças, elas são o futuro, tentem sensibilizar a alma das crianças".

Homenagens

Apesar das desavenças do passado, hoje todos que sabem da trajetória de Levino de Alcântara reconhecem a importância dele para a educação musical no Brasil, destacam o que ele fez e o que ainda faz. E os que o conheceram recentemente, apenas pelo trabalho no interior do Pará, admiram a coragem e disposição do velhinho.

Levino tem algo que está por detrás da obra e só melhorou com a chegada da maturidade. Ele cativa as pessoas, tem um magnetismo natural. O respeito que, por exemplo, Ataíde de Mattos tem pelo maestro é impressionante.

Em meados dos anos 70, Ataíde, anapolino, se mudou para Brasília. Como Levino era muito amigo de seu pai, acolheu o jovem por quatro meses, até que encontrasse uma residência definitiva. O atual diretor da EMB conta que, diferentemente de hoje, eles não tinham muito diálogo, apesar de prestativo e acolhedor, o maestro não se revelava, tinha postura mais fechada.

Ainda assim, Levino percebeu o talento de Ataíde com o violoncelo e o convidou para dar aulas na escola — à época, a contratação temporária por notório saber era permitida. Sobre o primeiro diretor da EMB, Ataíde lembra: "Não eram grandes condições de trabalho, mas as pessoas entravam no sonho dele". A personalidade forte sempre foi marcante, "talvez por isso ele tenha ido a um lugar tão distante, onde falta tudo. Ainda há espaço para pioneirismo em muitos lugares, talvez lá o perfil dele ainda se adapte, tenha receptividade", analisa.

Em 2011, diversas pessoas se reuniram na Escola de Música de Brasília para prestar homenagem ao maestro. Para Ataíde, foi a oportunidade de fechar os parênteses da troca de gestão conturbada, lá em 1985. Professor da escola na época, ele recorda que todos sentiram que havia ocorrido uma ruptura, mas ninguém sabia exatamente o porquê. "Levino ficou recluso depois disso e todos ficamos com aquela saudade, então agora foi fácil de mobilizar", explica.

Em um dos momentos da homenagem, realizada em 19 de maio, mais de 300 músicos subiram no palco do teatro que carrega o nome de Levino. Professores atuais e antigos, alunos, ex-alunos, vindos não só do DF, mas também de outros estados do Brasil e até de outros países, como Suécia e Estados Unidos. Foi uma verdadeira festa.

A conversa aconteceu em um dia de trabalho comum, Ataíde estava imerso na postura de gestor da EMB, com outros compromissos já agendados e várias obrigações a cumprir na cabeça. Mesmo assim, fez questão de me atender, falar com calma sobre a história de Levino na EMB. A princípio, conteve as lágrimas que apareceram durante a entrevista, mas logo deixou-se emocionar.

"Tudo o que eu tenho veio da música e posso dizer um pouco mais, tudo o que tenho veio do maestro Levino, porque foi ele quem me deu a primeira oportunidade. O sonho dele é um sonho de fazer pelos outros, por ele mesmo, que eu tenha visto, sempre foi um homem muito simples. Eu me emociono também porque olho para ele e lembro do meu pai."

Talvez por ter se ocupado muito mais do trabalho do que de "aparecer" e de "ter", como o próprio diz, Levino não ficou muito conhecido pelo grande público. Hoje, há uma corrida contra o tempo para preservar tanta vida, tantas experiências e tanto conhecimento.

O cineasta brasiliense David Alves realizou, no início de 2013, filmagens para um documentário sobre a vida do maestro, agora em fase de pós-produção. No Departamento de Música da Universidade de Brasília, existe uma iniciativa para desenvolver pesquisa em educação musical a partir da história de Levino. O sul do Pará não ficou de fora: na cidade de Redenção existe um projeto de criação, catalogação e restauração do acervo do maestro.

Enquanto isso, Levino continua com a rotina, ensina as crianças de Conceição do Araguaia, como a saúde permite. Sem se abater, sonha, planeja e realiza projetos. Os 91 anos não foram suficientes. Parece que uma vida só é muito pouco para Levino.

Elizabeth Hazin é professora do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Coordena o Grupo de Pesquisa (UnB) Estudos Osmanianos: arquivo, obra, campo literário. Orientou a melhor pesquisa na área de Letras e Linguística, segundo o Prêmio Capes de Tese 2013 e já publicou oito livros de poemas.

Princípio

**Por que nada permanece inteiro
em sua casca,
protegido?
um dia racha
e pela fenda
passam peixes e navios
fantasmas que na noite ganham vulto:
fogo, chama, fumaça**

**nada permanece inteiro
tudo se esgarça
assim é o intervalado texto do destino,
forrando a mesa**

**por que não se estende eterno,
se é tão fino?**

por que não dura a inteireza?

do fim

251219V1102
01191929 9B

Poemas por: Elizabeth Hazin
Diagramação: Gabriela Alcuri

até o porto.
navegaremos
espelho e rosto
somos um só:
tem.
É meu reflexo
(é teu no meu?)
um rosto belo
há
À tons d'água
a navegar.
Te faço um rosto
minha.
te vejo a face
que dorme fria
Por trás da água

sem nunca alcançar meu coração?
que corta meu corpo como um rio
sem rosto debruçado a solidão
Mas que imagem vale esse vazio
o mundo é só um túnel de vidro.
me vejo mil vezes repetido:
em mim. Debruçado sobre mim
Descubro um Narciso de repente
somos nada ao infinito das vezes.
um espelho no espelho no espelho
em detone de outro (em mesmo?)
passa de mim a outro espelho
o tempo passa despercebido
Sombra tuas num túnel sem fim

é sei o outro.
trocar de lado
(o sonho louco):
um sonho nosso

- velho -
na água fria
rosto e espelho
somos um só:

doce.
um vento suave
a cada noite
Nos adormece

expediente

nº 13

Editor-executivo
Paulo Paniago

Editores
David Renault, Paulo Paniago
e Sérgio de Sá

Editor de arte
Luciano Mendes

Editor de fotografia
Marcelo Feijó

Reportagem
Fabiane Guimarães, Ingridy Peixoto,
Lucas Vidigal, Milena Barros
e Monique Rodrigues

Fotografia
Ana Júlia Melo, Diana Landim,
Igor Caldas, Johnatan Reis e Julia Rangel

Foto da capa
Igor Caldas

Diagramação
Camila Menezes, Gabriela Alcuri,
Ludmila Toledo, Luisa Bravo, Mariana
Pedroza e Yasmin Oliveira

Secretária de Redação
Ingridy Peixoto

Agradecimentos
Geraldo Mallozi, Dario Joffly, David Alves

Faculdade de Comunicação | UnB

Diretor
David Renault

Departamento de Jornalismo
Sérgio de Sá

**Departamento de Audiovisual e
Publicidade**
Susana Dobał

**Coordenação Comunicação
Organizacional**
Tiago Quiroga

Endereço
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação, ICC Ala
Norte CEP 70.910-900. Brasília/DF
Tel. (61) 3307.2461
Caixa Postal 04660
www.fac.unb.br

Impressão
Gráfica Atalaia
Tiragem
3 mil exemplares

Campus Repórter é uma publicação
semestral, produzida por professores
e alunos das disciplinas Laboratório
Campus Repórter e Diagramação Campus
Repórter. Faculdade de Comunicação/
UnB - Ano 8, número 13, 2013.

Para enviar comentários ou pedir
algum número da nossa revista,
entre em contato pelo endereço
reportercampus@gmail.com.

Edições anteriores em:
<http://issuu.com/campus-reporter>.

Curta nossa página no Facebook:
[facebook.com/RevistaCampusReporter](https://www.facebook.com/RevistaCampusReporter).



2013

COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL FAC - NOTURNO

Comunicação Organizacional é o curso mais novo da Faculdade de Comunicação, mas já apresenta números de gente grande. Oferece 40 vagas por semestre. Hoje tem 259 alunos e 15 professores, dos quais dez doutores e cinco doutorandos. Na avaliação de reconhecimento do MEC, recebeu nota máxima: cinco. A comissão analisou organização didático-pedagógica, políticas de ensino, extensão e pesquisa, estrutura curricular e conteúdos programáticos, entre outros quesitos. A ComOrg, como é carinhosamente chamada, saiu-se bem em todos. Cá entre nós, o resultado traduz o que internamente sabíamos. O curso noturno nasceu maduro, para atender a uma formação sólida e consistente de cidadania e profissionalismo. A primeira turma se forma no final de 2013. Orgulhosa, a FAC comemora.

5

NOTA
MÁXIMA
MEC



fac.unb.br

13

ano 8 • 2013
fac • unb

Reportagem e pensamento fornecem o tom da revista **Campus Repórter**, feita por estudantes da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Juntos, dão conta da informação em forma de texto, fotografia e design. O tempo conta muito, dilatado ao longo de um semestre, para aprofundar o modo de compreensão da realidade. Novos desafios, renovados a cada edição na busca por informação qualificada.